

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O ESPAÇO EXTERIOR PRIVADO NA ARQUITECTURA DOMÉSTICA
EM PORTUGAL ENTRE 1950 - 1970

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Ano Lectivo 2009-2010

Patrícia Isabel Martins da Rocha

ORIENTADOR

Professor José Manuel Gaspar Teixeira Soares

RESUMO

Pretende-se com este trabalho uma reflexão e compreensão da arquitectura doméstica, uma vez que *“a habitação é na arquitectura um dos programas que melhor responde e revela as estruturas das sociedades em que se integra”*¹.

Interessa particularmente o estudo da habitação unifamiliar, individualizada, pela liberdade que proporciona ao arquitecto de poder experimentar novas formas de organização do espaço, novos materiais e tecnologias, novos modos de vida.

Sendo uma área de investigação tão vasta, houve naturalmente a necessidade de a reduzir a um campo específico. Deste modo, este trabalho centra-se no estudo do espaço exterior privado da habitação unifamiliar, num local e num período específico, como o próprio título indica: em Portugal, entre 1950 e 1970.

A escolha do local e do limite temporal decorre de uma investigação previamente realizada, também, no âmbito da habitação unifamiliar.

O despertar para o tema, de análise de um modo de pensar a arquitectura tão singular, de uma geração de arquitectos, foi surgindo à medida que, saltando de revista em revista, em busca de artigos específicos do período, a curiosidade me levava a registar e em alguns casos a visitar casas de diversos autores, ao mesmo tempo que prosseguia com a investigação que estava a realizar para um arquitecto em particular – Maurício de Vasconcellos.

O objecto de estudo desta dissertação “o espaço exterior privado da habitação unifamiliar” foi um tema específico, que surgiu da análise de uma das obras do arquitecto que estudei, Maurício de Vasconcellos, que alimentou novamente a vontade de prosseguir um caminho já iniciado, embora, desta vez, seguindo um trilha diferente.

1 TOSTÕES, Ana, 1997, p.51

ABSTRACT

This essay intends to acknowledge and think about domestic architecture as it pertains to the idea that “housing is one of the preeminent aspects that reveal and answer to the structures in the society it belongs to”.²

The study of single-family, individualized housing is particularly interesting considering the freedom that it enables the architect to experiment new space organization techniques, new materials and technologies, new ways of life.

As it is such a vast research area, there was an urgent need to simplify it to a smaller research study sample. Therefore, this particular study focuses primarily in the private space outside a single-family house, in a determined time and space; more specifically in Portugal from 1950 to 1970.

This time and space was chosen due to a previous research that was also made within the single-family realm.

This subject – the train of thought of a singular type of architecture and a generation of architects - came to me, the author, as, browsing magazines, searching for specific articles pertaining to this period, curiosity took over me as I thought about and even, in some cases, visited different author houses, while, at the same time, I carried on an investigation about a particular architect: Maurício de Vasconcellos.

The object of this study, “the private space outside a single-family house”, was a very specific topic, based on the analysis of the work of the previously mentioned architect, Maurício de Vasconcellos, but taking a different path.

2 TOSTÕES, Ana, 1997, p.51

AGRADECIMENTOS

A realização desta tese não teria sido possível sem a ajuda de várias pessoas, que de modo directo/ indirecto, permitiram o seu desenvolvimento. Devo por isso deixar assinalado o meu profundo agradecimento a todos os que, de alguma forma, contribuíram para o resultado final deste trabalho.

Começo naturalmente por agradecer ao meu orientador, o Professor José Manuel Soares, o qual me acompanhou na prova final para a obtenção da Licenciatura e que agora se revelou novamente uma figura determinante na orientação do trabalho. Agradeço a colaboração, a dedicação, a disponibilidade e sobretudo as longas conversas que foram determinantes para todo o desenvolvimento do trabalho.

Não poderia deixar de mostrar o meu apreço a todos os proprietários que me permitiram o acesso à intimidade de suas casas, para me proporcionarem uma avaliação real dos espaços em estudo. Assim agradeço aos proprietários das casas: Sr.^a Ana Tenreiro da Cruz e Sr. Dr. Tenreiro da Cruz proprietários da casa Álvaro Trigo; ao Sr. Eng.^o Lino Gaspar, proprietário da casa Lino Gaspar Jr. e por fim à Sr. Dr.^a Ana Cristina, proprietária da casa Ruy D' Athouguia.

Ao Sr. Professor Arquitecto Manuel Fernandes de Sá, pela gentileza demonstrada ao conceder-me o tempo para poder desenvolver esta investigação e aos meus colegas de trabalho, que me incentivaram e que, de uma ou outra forma, me foram apoiando neste processo.

Aos meus pais, mais uma vez, pelo apoio incondicional. A persistência e a determinação, com que desenvolvi este estudo, são fruto de uma personalidade que só a eles deve proveniência. Agradeço ao Carlos, companheiro desta e de outras jornadas, toda a motivação, encorajamento e auxílio prestados ao longo de todos estes anos.

À minha família, em especial àqueles que sempre acreditaram e me apoiaram em todos os momentos.

Aos meus amigos, agradeço o companheirismo e sobretudo o apoio em muitas horas menos positivas, em particular

à Joana, amiga de longa data, que esteve sempre presente nos momentos críticos com uma palavra de apoio, com serenidade e com uma postura crítica sempre construtiva, que também muito me ajudou neste trabalho e finalmente ao Sérgio, pela preocupação e igualmente pelo auxílio, pela partilha de conhecimentos, pelas muitas dicas e pelos inúmeros livros que me emprestou.

Aos meus colegas, sobretudo amigos de trabalho, pela motivação e preocupação demonstradas, em especial à Arquitecta Rita Cortesão, pelas críticas que foi esboçando a este trabalho que me ajudaram em alguns momentos de impasse.

Por fim, à minha amiga Rita, agradeço a tradução do resumo para a língua inglesa.

A todas estas pessoas o meu agradecimento.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	8
METODOLOGIA	10
FONTES DOCUMENTAIS.....	12
1.ENQUADRAMENTO	14
UM LUGAR, UM TEMPO, UMA GERAÇÃO	14
2.“ LA HABITACIÓN EXTERIOR”	18
2.1 Contextualização	18
2.2 Factores de transformação	21
3. CASOS DE ESTUDO	25
CASA ÁLVARO TRIGO, Restelo 1964	28
CASA LINO GASPAR JR., Caxias 1964.....	34
CASA CONCEIÇÃO SILVA, Cascais 1960.....	38
CASA DR. RIBEIRO DA SILVA, Ofir 1958	42
CASA DR. BARATA DOS SANTOS, Vila Viçosa 1958	46
CASA RANGEL LIMA, Lisboa 1951	51
CASA RUY D' ATHOUGUIA, Cascais 1951-1953	55
CASA EM LOULÉ, Loulé 1953.....	59
4.REFLEXÃO CRÍTICA _ APROXIMAÇÃO AOS CASOS DE ESTUDO.....	63
5.CONCLUSÃO	75

INTRODUÇÃO

“(...) O exterior não pode ser apenas um salão para expor peças individuais como se fossem quadros numa galeria. Terá de ser um meio destinado ao ser humano na sua totalidade, que o poderá reclamar para si, ocupando quer estaticamente quer pelo movimento. Ao homem não bastam as galerias de pintura; ele necessita de emoção, do dramatismo que é possível fazer surgir do solo e do céu, das árvores, dos edifícios, dos desníveis e de tudo o que o rodeia, através da arte do relacionamento”.³

Para uma rápida compreensão da origem deste estudo, convém mencionar que este parte de uma investigação anteriormente desenvolvida e apresentada nesta faculdade como Prova Final para a obtenção da Licenciatura. O trabalho apresentado “As casas desenhadas pelo arquitecto Maurício de Vasconcellos entre 1950 e 1970” foi, deste modo, o principal impulsionador do tema que aqui se expõe - “O espaço exterior privado da arquitectura doméstica, em Portugal, entre 1950-1970”.

A exploração de uma relação intensa entre interior/exterior, a sensibilidade ao lugar demonstrada no modo como as casas se integravam na paisagem, e o desenho surpreendentemente exaustivo do espaço exterior, foram temas interessantes, em especial o último, com particular relevância.

Em determinado ponto surgiu a interrogação sobre o propósito desse desenho, tão elaborado, e se este poderia estar presente, sob outras formas e com outros propósitos, na arquitectura doméstica desenvolvida no período limitado entre as décadas de 50 e 70 do século XX. É certo que, neste período, a pretensão de uma abertura e de um diálogo entre o interior e o exterior é francamente visível em muitas obras e com materializações muito diferentes. Tratava-se afinal de uma enorme conquista alcançada, pela introdução de novos materiais, novos métodos construtivos e novas ideias ao dispor dos arquitectos.

Foi durante uma conversa com o Sr. Professor José Manuel Soares, onde se iam lembrando as características das obras realizadas pelo arquitecto Maurício de Vasconcellos, que

³ CULLEN, Gordon, 1984, p.30

surgiu a ideia de estudar o desenho do espaço exterior privado doméstico em outras obras do mesmo arquitecto. Contudo, o tempo para realizar tal investigação revelou-se um impedimento e foi então que, ao visitar a Casa Álvaro Trigo, surgiu o interesse no desenvolvimento de um estudo que aprofundasse as questões relacionadas com o desenho deste tipo ao nível da habitação unifamiliar.

Surgiu então o tema “O espaço exterior privado na arquitectura doméstica em Portugal, entre 1950-1970”, período já previamente analisado para a realização da prova final de Licenciatura.

Sem prever inicialmente o que o futuro reservava sobre o tema, embarcou-se, portanto, numa aventura circunscrita a um tempo, a um lugar e a uma geração rigorosamente definidos.

Não podendo explorar com o mesmo detalhe, todos os exemplos de arquitectura notáveis, produzidos pelos vários autores ao longo do período temporal definido, seleccionaram-se os projectos que, a título pessoal, se consideraram particularmente pertinentes, pelo modo como o interior e o exterior se relacionavam, pela dimensão e escala atribuída a esses mesmos espaços e sobretudo pelo desenho do espaço exterior privado.

A recolha de informação e a visita a alguns deles, aquando da realização da prova final, fizeram também parte do processo de selecção.

Pretende-se, ao longo desta dissertação, demonstrar, de forma clara, o objecto de estudo aqui exposto.

METODOLOGIA

Como já foi referido, o presente trabalho tem por objectivo a realização de um estudo direccionado para a análise do espaço exterior privado na arquitectura doméstica, em Portugal, entre 1950-1970.

Como refere Ana Tostões “*desde sempre campo experimental de eleição para os arquitectos, laboratório a pequena escala*”⁴ a habitação unifamiliar será um elemento significativo para “*afirmações de linguagem ou de tendência*”⁵. Por este motivo, neste trabalho serão apresentados diversos casos de estudo, formulados por vários autores de uma mesma geração, com linguagens formais diferentes e, principalmente, com diferentes experiências no que diz respeito ao tema em análise.

Posto isto, o trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: numa primeira fase, será realizado um enquadramento ao período limitado entre a década de 50 e 70, caracterizando, de modo abreviado, a situação profissional da figura do arquitecto em Portugal, as suas reivindicações, os objectos de discussão à data, as influências provenientes do exterior, em resumo, o panorama geral da geração de arquitectos que viveu este período.

Segue-se o capítulo intitulado “*Habitación Exterior*”, onde se inicia o desenvolvimento do objecto de estudo, começando por realizar uma contextualização temática, procurando interpretar a importância e os factores de transformação do espaço exterior na habitação ao longo do tempo, referindo os exemplos mais remotos, desde a cultura mesopotâmica até ao período do Movimento Moderno.

No capítulo seguinte, são expostos os casos de estudo imediatamente conduzidos por uma reflexão crítica, onde se pretende uma aproximação ao objecto de estudo, pela selecção dos temas que permitam uma melhor compreensão do mesmo objecto.

4 TOSTÕES, Ana, 1997, p.52

5 Ibidem

Para concluir pretende-se com o auxílio de diagramas, que vão aparecendo ao longo da tese, elaborar uma síntese, fechando, deste modo, o tema.

FONTES DOCUMENTAIS

Sendo esta uma investigação que procura analisar uma característica muito particular da arquitectura doméstica e tendo por base diferentes autores e consequentemente diversas formas de abordagem ao problema, o fundo documental revelou-se bastante dilatado.

Foram, deste modo, consultados várias publicações que enquadraram as circunstâncias locais, temporais e geracionais envolvidas, e outras que, directa ou indirectamente, auxiliaram no suporte teórico do trabalho, embora tivesse sido relativamente escassa a bibliografia específica sobre o tema em análise.

Posto isto, houve naturalmente a necessidade de completar a informação tendo, para o efeito, sido consultadas publicações especializadas. Refiro-me concretamente aos periódicos “Arquitectura”, “Binário”, “Arquitectura Portuguesa Cerâmica e Edificação” e “Jornal dos Arquitectos”.

Indispensáveis e extremamente importantes na progressão deste trabalho, foram também algumas Provas Finais, Monografias e Teses.

O espólio do estúdio do fotógrafo Mário Novais foi também essencial para a obtenção de uma imagem real das obras aqui em estudo, uma vez que os registos coincidem na maior parte dos casos com o período imediatamente posterior à conclusão das obras.

Os elementos fornecidos pelos proprietários das casas, aos quais me foi possibilitado o acesso, e os seus depoimentos, preciosos em conteúdo, sobre o modo como habitam a obra, constituíram uma informação essencial para o entendimento das casas em estudo. Citando o arquitecto Fernando Távora: “ (...) *Uma forma só poderá compreender-se vivendo-a, bem como à sua circunstância e não apenas ouvindo descrições a seu respeito ou consultando suas reproduções (...)*”⁶.

6 TÁVORA, Fernando, 1996, p.23

1.ENQUADRAMENTO

UM LUGAR, UM TEMPO, UMA GERAÇÃO

Recue-se a 1948, ano que assinala a realização do “I Congresso Nacional de Arquitectura”.

Tido como a oportunidade para uma tomada de consciência arquitectónica por parte dos arquitectos portugueses e permitindo uma divulgação das suas principais preocupações, bem como dos condicionalismos a que a actividade estava sujeita, este foi um momento especial, principalmente para os arquitectos mais jovens que, *“viram neste acontecimento, por um lado, uma possibilidade de continuarem a tentar alterar o quadro da sua actividade profissional e, por outro, uma maior abertura para a aceitação das suas teorias de influência racionalista”*⁷.

Dos temas postos em discussão, salienta-se a contestação dos valores nacionais tal como eram impostos pelo Governo da época e os problemas referentes às condições de alojamento.

O Congresso fica contudo muito aquém das expectativas. Introduziram-se os princípios da Carta de Atenas e procurou-se a adesão a algumas fórmulas de Le Corbusier. Esperava-se, contudo, que os arquitectos pudessem *“explodir com posições teóricas longamente recalcadas”*⁸ e que se debatessem contra as intenções do Estado Novo, o que não ocorreu.

Por esta altura encontravam-se em actividade duas organizações que tiveram um papel relevante na organização do Congresso. O ICAT (Iniciativas Culturais Arte Técnica), fundado em Lisboa no ano de 1946 e, um ano mais tarde no Porto, o ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos). Estas duas organizações, à semelhança do que se pretendia para o Congresso que se viria a realizar pouco depois, tinham como principal objectivo a defesa de uma nova arquitectura, livre da motivação e do constrangimento de seguir os modelos oficiais.

O ICAT, assumindo uma postura *“cívica e politizada”*⁹, relança a revista Arquitectura e organiza as Exposições Gerais de Artes Plásticas, 1946-1956 como forma de contestação.



1 Cartaz do primeiro Congresso Nacional de Arquitectura

⁷ RIBEIRO, Ana Isabel [et al], 1997, p.72

⁸ ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel, [cop.1986], p.142

⁹ TOSTÕES, Ana [et al], 2003, p.126

No Porto, o ODAM sob o lema *“os nossos edifícios são diferentes dos do passado porque vivemos num mundo diferente”*, organiza em 1951 uma exposição, na qual será expressa a linguagem moderna pretendida.

Beneficiando dos trabalhos de uma nova geração de arquitectos, construída sob os ideais modernos, é no Porto que aparecem as primeiras obras com influências marcadamente racionalistas. De salientar as condições especiais com que se desenvolveu a arquitectura no norte do país, que pelo afastamento relativamente aos ministérios e favorecida por uma encomenda maioritariamente privada, conquistou desde cedo a pretendida autonomia.

A arquitectura produzida na década de 50 pode ser entendida como uma reacção à prática profissional até aquela data exercida, com modelos e estética fortemente determinados e instituídos pelo Estado. É importante explicar que, decorrente de uma falsa interpretação da arquitectura e dos costumes de cada região, surge a Casa Portuguesa associada à tentativa de criação de uma identidade nacional institucionalizada pelo regime em vigor. Raul Lino, renegando as directrizes provenientes do moderno, propõe, nos anos 40 uma adaptação forçada da arquitectura doméstica à região, exaltando a ruralidade através da introdução de elementos ditos “regionais”: beirados, azulejo, etc.

Será portanto, fruto desta reacção, que tendem a afirmar-se diferentes posições. Uma, baseada numa visão internacionalista, assente nos princípios da carta de Atenas, (manifesto do chamado Estilo Internacional) com ligação a uma influência directa da América do Sul (nota 1), nomeadamente pela arquitectura brasileira, que chegava através de revistas, como é o exemplo a revista “Arquitectura”; outra, ligada à compreensão da cultura nacional, (que até então não se baseava na realidade arquitectónica popular) que terá a sua base na formulação do “Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, 1956-1961”.

O período que aqui se encontra em estudo corresponde, de facto, a um tempo de enorme agitação cultural a todos os níveis.

ODAM
ORGANIZAÇÃO
DOS ARQUITECTOS
MODERNOS
PORTO 1947-1952



COMPILADO POR CASSIANO BARBOSA

2 O DAM _ Capa do livro



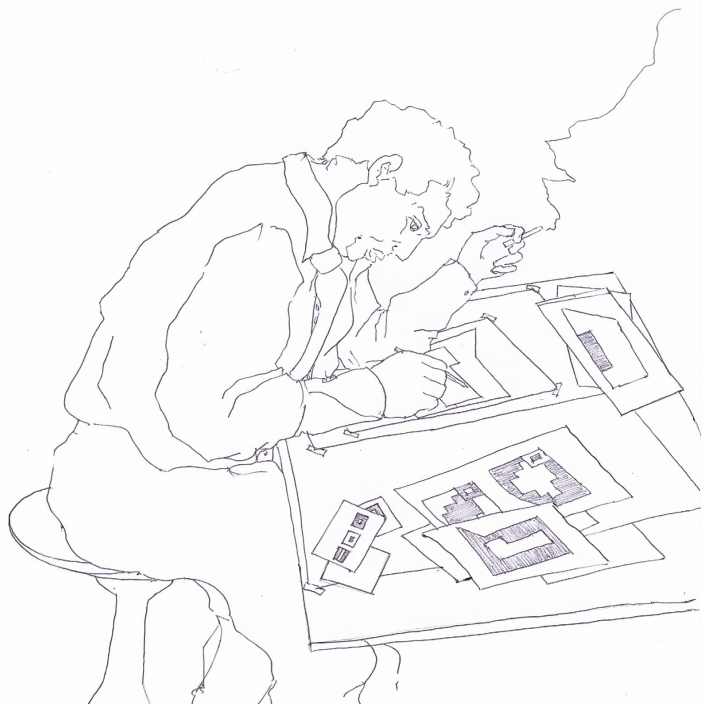
3 Brazil Builds _ Capa do catálogo 1943

Nota1: FERNANDEZ, Sérgio, 1988, p.57

“(…) As obras produzidas no Brasil, por influência de Le Corbusier aparecem divulgadas no livro *Brazil Builds*, de 1943 constituindo “cartilha obrigatória” de então, como diria Távora ou na opinião de Maurício de Vasconcellos, “o nosso segundo Vignola”

Na arquitectura as influências eram inúmeras “essa arquitectura moderna que o grande público considera “toda igual” (...) diferencia-se, contudo, nos vários países, e, dentro destes, em inúmeras escolas, como nos períodos históricos mais brilhantes e fecundos, e numa riquíssima pluralidade de mestres”¹⁰ e em Portugal finalmente era possível, ainda que por vezes com muitas críticas, ensaiar novos modos de fazer arquitectura.

“Não sei se foi sempre assim, mas quero crer que nunca uma geração pode deixar tantas dúvidas àquelas que se lhe seguem (...) Desde a escola, onde a sua aprendizagem fica marcada de maus tratos e frustrações, até ao cosmos da vida prática, passando pelos meandros das organizações públicas ou privadas a carreira do arquitecto é semeada de obstáculos e afectada por doenças que a inutilizam socialmente”¹¹.



4 Esquisso

10 ZEVI, Bruno, 1996, p.121

11 LOBO, Vasco. A obra do arquitecto Maurício de Vasconcellos. Arquitectura nº75. Junho de 1962, pp. 4

2. “LA HABITACIÓN EXTERIOR”¹²

“ La terraza y la actividad exterior de la casa puede volver a plantearse, entre otras cosas, por la transformación del ambiente urbano, menos ruidoso, contaminado y desértico en la actualidad.

La casa provista de espacios exteriores ha sido una bandera de los arquitectos del movimiento moderno que la convirtieron en una manifestación del estilo de vida moderno. Hacer deporte, practicar la natación o tomar el sol eran casi sinónimos de arquitectura moderna. (...) Podemos decir que la casa moderna se há dotado de una habitación exterior”.¹³

2.1 Contextualização

O trabalho não estaria completo se em algum momento, não existisse uma breve reflexão sobre o tema do Habitar, da casa, enquanto espaço de recolhimento, de abrigo, que ao longo do tempo foi adoptando várias configurações, seguindo diversos princípios, passando por várias interpretações. Não se poderia deixar de contextualizar esse lugar de paz e refúgio, de que o Homem se apropria porque garante intimidade, abrigo e protecção do espaço exterior com condições adversas.

É uma necessidade intemporal, que tem a sua origem longínqua no tempo, e que remete aos primórdios em que os homens viviam em cavernas.

Não se pretende neste capítulo contudo, perceber a evolução da habitação, sob o ponto de vista da forma, das técnicas e dos materiais de construção, mas perceber-se se, em algum momento, foi atribuída importância ao espaço exterior privado contíguo. Ainda que os dois temas se cruzem inúmeras vezes, ir-se-á sempre privilegiar o interesse pelo espaço exterior.

Salienta-se igualmente, que esta contextualização teria eventualmente que se fundamentar numa investigação mais detalhada, impossível, por manifesta falta de tempo, pelo que se considera esta abordagem necessariamente resumida.



5 “Sassi”, cavernas pré-históricas localizadas em Matera, Itália

¹² Título proveniente do artigo “La Habitación Exterior” de Monteys, Xavier, 2001

¹³ Monteys, Xavier, 2001, p.134

O excerto retirado do livro “Patios : 5000 años de evolución : desde la antigüedad hasta nuestros días” de Werner Blaser distingue a casa-pátio como a tipologia de Habitar mais antiga de modo de habitação.

“El hombre necesita un espacio de paz y de recogimiento que le proteja del espacio exterior, hostil y desconocido, pero que, sin embargo, participe del día y de la noche, del sol y de la luna, del calor, del frío y de la lluvia. Este espacio, que está sometido al paso de los días y las estaciones, es decir, a las reglas que determinan la existência, es el “pátio”.

Es uno de los espacios más antiguos y aun simboliza sensaciones de la época en la que los hombres vivían en cavernas.”¹⁴

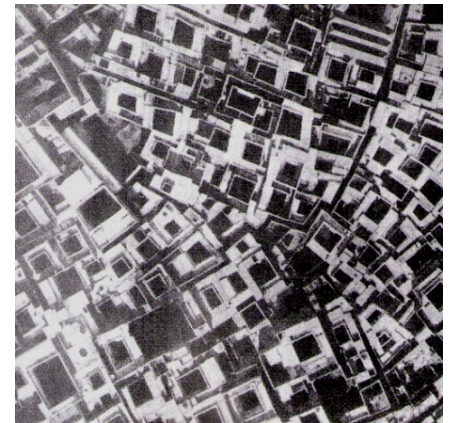
Esta tipologia, embora tenha tido uma maior prevalência nas zonas mediterrânicas, consequência natural das abordagens às questões climáticas, é contudo um modelo que, ao contrário do que se pensa, não tem nenhuma relação em particular de lugar.

Como aparece descrito no seguinte excerto retirado da introdução da revista DPA, “(...) o primero que comprobamos al acercarnos sin prejuicios a la noción de pátio es que, lejos de corresponder unívocamente a una cultura determinada o a un tiempo histórico concreto, constituye un principio de valor universal y permanente.”¹⁵

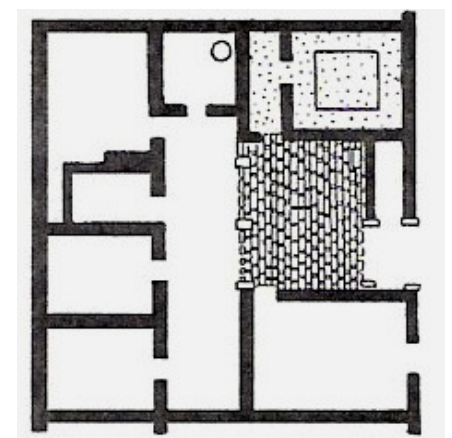
Encontra-se esta tipologia tanto nas cidades antigas do mundo greco-latino, como na civilização do extremo oriental. Depara-se com este exemplo tanto nas cidades islâmicas, como em muitas regiões da América Latina.

O pátio é um espaço essencial, pois permite iluminar e ventilar os compartimentos interiores, uma vez que na maioria destas casas existe apenas uma abertura para a rua que corresponde à porta de entrada. O pátio é também um espaço de recepção, pois este aparece logo a seguir ao vestíbulo de entrada.

O espaço exterior neste caso é de extrema importância, porque não só cria condições de luz e ventilação, como ao mesmo tempo, funciona de modo indirecto como um filtro de privacidade e também como um dispositivo de segurança, uma vez que só



6 Conjunto de casas- pátio



7 Casa Pátio _ planta
Olinto, século V, a.C.

¹⁴ BLASER, Werner, 1997, p.7

¹⁵ Revista DPA nº13, 1997, Introdução

existe uma entrada para a casa, sendo deste modo mais fácil a sua protecção.

Como refere o arquitecto Rui Ramos, *“a casa cumpre o seu papel essencial de abrigo e de fixação de uma população”* e acrescenta *“Esta forma-base de organização do espaço da casa constitui um aspecto comum que pode ser referido desde a casa medieval até à casa de outras culturas afastadas do mundo ocidental.”*¹⁶

Será portanto, enquanto se mantém esta noção de casa que se restringe ao papel principal de abrigo e sedentarismo que, até meados do século XVII, este conceito permanecerá em vigor, constituindo a extensa base do povoamento, como relata Fernand Braudel.¹⁷

Só a partir do século XVIII se assiste a uma leve alteração no domínio da habitação, especialmente no que diz respeito ao objecto de estudo, o espaço exterior.

Assiste-se em Inglaterra, por esta altura, a um grande desenvolvimento da casa individual com uma imagem particular, reconhecida como Picturesque (nota 2).

Como refere Rui Ramos, *“este tipo de edificação vai encorajar a perda da simetria na composição dos volumes. O seu ecletismo, ocasionalmente original, procura uma relação favorável com a natureza, revelada pela implantação no terreno e pela forma como a casa se relaciona com o espaço envolvente”*.¹⁸

Apesar desta maior ligação ao espaço envolvente será ainda nesta época que se começará a pensar o exterior como espaço dialogante com o espaço interno, e ainda menos se partirá do pressuposto que o desenho do espaço interno resulta de um esboço prévio do exterior.

No entanto, começam a surgir pequenos apontamentos, dispositivos arquitectónicos formais, mais francos de ligação com o exterior.

Salientam-se dois dispositivos que conceptualizados de acordo com princípios opostos, procuram a mesma intenção: a relação com o exterior.

Nota 2: definição de Picturesque

Em cerca de 1800 surge em Inglaterra uma linguagem reconhecida como picturesque, evidenciando um sinal de reflorescimento de uma classe média, que procura na imagem da casa, um sinal de reconhecimento social.

O picturesque surge como uma mistura de estilos, cujo objectivo passa por uma valorização da vida em casa. Utiliza uma linguagem formal que oscila entre a casa agrícola e a casa de férias, num uso de materiais rústicos e composições assimétricas.

Este tipo de edificação procura uma relação favorável com a natureza, que se inicia pela ligação da implantação com a envolvente.



8 Le Hameau de Trianon _ vista
Arq. R.Mique, H.Robert, R.Richard Versailles,
1778-82

16 RAMOS, Rui, 2010, p.64

17 Ibidem, p.65

18 Ibidem, p.78

O primeiro intitula-se Bow-Window e o segundo Blumenfenstern. No livro de Xavier Monteys e Pere Fuertes estes elementos *“que designan formas de relación con el exterior son, en su origen, respuestas vinculadas a condiciones culturales y climáticas concretas”*.¹⁹

As Bow-Window, típicas da arquitectura Victoriana, começam a ganhar expressão a partir de meados do século XIX. Esta é uma janela, que se projecta volumetricamente para o exterior da construção, prolongando os compartimentos onde se insere, permitindo deste modo, uma maior captação de luz e uma relação mais clara com a natureza envolvente (fig. 9).

De modo oposto as Blumenfenstern, de tradição germânica, são janelas com vidros duplos, que se “projectam” no interior da casa, permitindo uma espécie de pequeno jardim de Inverno. Este modelo, ao contrário das Bow-Window, propõe que o exterior invada o interior da casa (fig. 8).

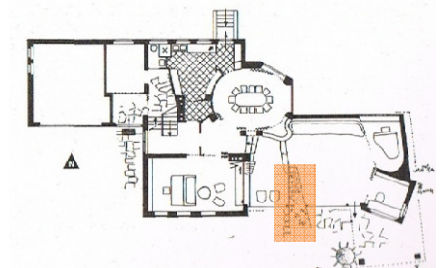
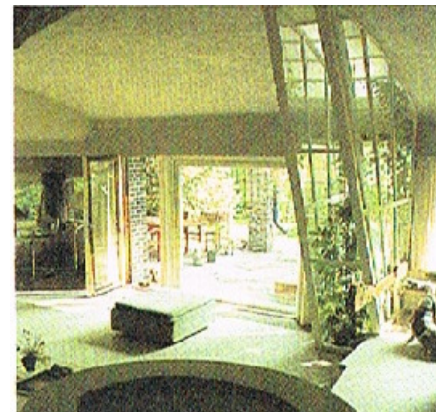
Será no início do século XX com o despertar do movimento moderno, que serão apresentadas uma pluralidade de propostas que irão revolucionar a arquitectura doméstica em diversos aspectos.

No que concerne ao objectivo deste trabalho, importa salientar uma mudança significativa na interpretação do conceito de espaço exterior, bem como na sua concretização.

Como menciona Rui Ramos *“O exterior passa a ter uma presença imediata na casa, já não só no espaço de chegada ou de serviço doméstico, mas também como sua extensão vital, que passa a incluir o contacto com o ar livre e o seu uso e contemplação”*.²⁰



9 Bow Window



10 Casa Endell _Blumenfenstern
Ara. Hans Scharoun, Berlím-Wannsee, 1940

2.2 Factores de transformação

A transformação ocorrida no século XX não se iniciou de um momento para o outro, pelo contrário, esta começou a desenvolver-se nos finais do século XIX.

O forte crescimento demográfico na Europa no século XIX deu origem a inúmeras transformações urbanas. O acelerado

19 MONTEYS, Xavier, 2001, p.136

20 RAMOS, Rui, 2010, p.539

processo de industrialização das cidades europeias originou um deslocamento populacional para as cidades, que rapidamente começaram a entrar em ruptura, o que resultou numa diminuição da qualidade de vida nestas.

Este crescimento demográfico levou a duas situações: algum deslocamento populacional para as periferias e simultaneamente uma ambição por parte dos engenheiros em experimentarem novas técnicas de engenharia, baseadas numa nova utilização do ferro, permitindo o aumento do número de pisos nos edifícios.

Será no século XX, paralelamente com o desenvolvimento de novas tecnologias aplicadas na construção, nomeadamente a utilização do betão e do ferro, que surge o “Movimento Moderno”.

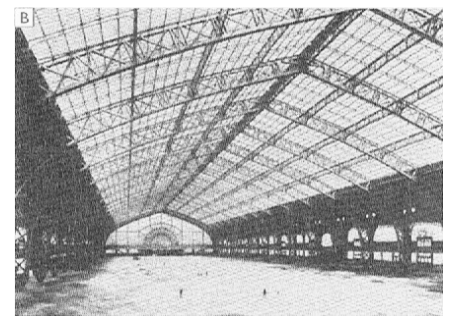
Na Europa, atraídos pelos princípios de standardização, os arquitectos procuram a simplificação e funcionalidade, incutindo nas suas obras preceitos racionalistas.

Le Corbusier será o embaixador desta arquitectura, ao qual se seguem Mies Van der Rohe, Oscar Niemeyer, Kenzo Tange, entre outros.

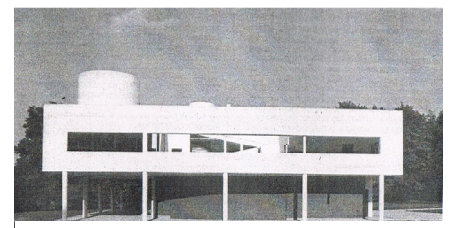
Propõe uma arquitectura simplista, baseada em cinco pontos (1926): 1- a construção apoiada em pilotis que permitia elevar o edifício e deste modo libertar o piso térreo; 2- o princípio da planta livre, que proporcionava a definição de espaços internos sem estarem articulados com a estrutura; 3- as fachadas de composição livre, consequência do ponto anterior; 4- as janelas colocadas em longas faixas horizontais, desenhadas para proporcionar uma melhor iluminação e ventilação e por último o terraço jardim, que permitia o aproveitamento da última laje da edificação como espaço de lazer. Estes “*Cinco Pontos da Nova Arquitectura*” estarão presentes em inúmeras obras das quais destaque por exemplo a Villa Savoye (1929) representada nas figuras 12 e 13.

Paralelamente, mas com uma linguagem diferente, Frank Lloyd Wright desenvolvia nos Estados Unidos da América o denominado funcionalismo orgânico.

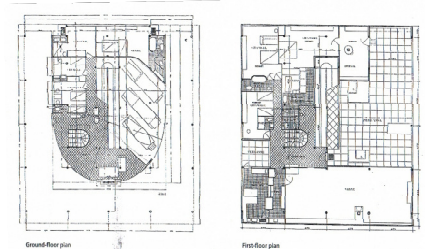
A doutrina de Wright baseava-se em seis princípios (nota 3), ou melhor, características para uma arquitectura orgânica, que



11 Galeria das Máquinas _ Vista
Arq. Charles Dutert, Victor Contamin, 1887-89



12 Villa Savoye _ vista
Arq. Le Corbusier, Poissy, 1928-1929



13 Villa Savoye _ planta piso 0 e 1
Arq. Le Corbusier, Poissy, 1928-1929

Nota 3: IRIGOYEN, Adriana. 2002,p.85

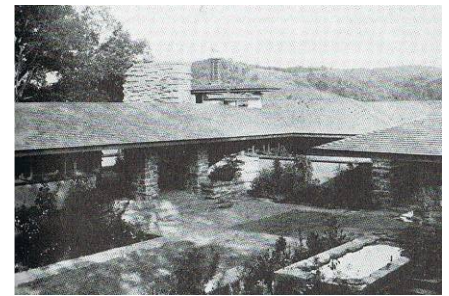
“No começo de sua carreira Wright formulou os seis princípios que guiariam a sua obra em *In the Cause of Architecture*. O primeiro diz que a simplicidade e a serenidade são as qualidades que permitem medir o valor de uma obra de arte. A simplicidade não representa um fim em si mesma, mas consiste na eliminação de todo o supérfluo e sem sentido. No segundo reconhece que deveriam existir tantos tipos de casas como tipos de gente e tantas variações como indivíduos diferentes. Já o terceiro estabelece que o edifício deve harmonizar-se com seu entorno. O quarto, que as cores deve seguir os “tons da terra e das folhas do Outono”. O quinto afirma que a arquitectura deve manifestar a natureza dos materiais. Finalmente, o sexto princípio é uma chamada a uma arquitectura com carácter, sincera e genuína.”

estabeleceu em 1908. De um modo sumário faz a apologia da simplicidade; variedade ou seja tantos estilos em arquitectura como estilos de pessoas; procura que a concepção do edifício seja feita à imagem da natureza; defende que as cores se devem harmonizar com as formas naturais e que os materiais se devem mostrar tal como são e por fim, defende que a casa deve ter “carácter”.

Do trabalho desenvolvido pelo “profeta de Taliesin”²¹ constam a título de exemplo a Casa em Wisconsin, de 1911, Taliesin I (fig.14) e a Casa da Cascata (Falling Waters) de 1936, em Bear Run, Pensilvânia (fig.15).

A arquitectura continua a procurar outros caminhos, sob outros princípios e com outras personagens, mas o que importa realçar é que o Movimento Moderno foi o momento-chave para o desenvolvimento de novos sistemas construtivos, de novos materiais e de novos dispositivos, que iriam revolucionar a articulação entre o espaço habitável encerrado e o seu espaço exterior contíguo. Alguns dispositivos como o “terraço, varanda, galeria, alpendre, pérgola e pátio, que estiveram sempre ligados à casa burguesa são retomados como oportunidade de realizar a moderna espacialidade da vida doméstica, que se abre do interior ao exterior e vice-versa. Estes dispositivos tradicionais na casa burguesa são por vezes re-desenhados, re-elaborados e re-nomeados de forma a traduzirem este novo sentido: o solário surge no desenho da cobertura, o terraço passa a ser jardim, a pérgola associa-se a sombreamento, a varanda torna-se um espaço habitável, a galeria é composta por pilotis e a casa abre-se para o novo pátio”.²²

Esta condição de articulação entre interior e exterior, será como já foi referido, um princípio recorrente na arquitectura a partir do século XX, porque permite uma maior fruição do espaço exterior, com o propósito de uma maior ligação à natureza, embora controlada, desenhada e dentro do lote, dos limites privados da habitação.



14 Taliesin I Spring Green _ vista
Arq. Frank Lloyd Wright, Wisconsin, 1911



15 Casa E. Kaufmann _ vista
Arq. Frank Lloyd Wright, Pennsylvania, 1936

21 GODINHO, Januário, Frank Lloyd Wright in revista Arquitectura nº67, Abril 1960, pp.4

22 RAMOS, Rui, 2010, p.543

3. CASOS DE ESTUDO

“ (...) só a partir da desprofissionalização do olhar podemos aprender a enxergar com os nossos próprios olhos, e a mirar aquilo que realmente desejamos ver.

Para tanto, é necessário realizar uma redução, uma simplificação, o que consiste em dar visibilidade a uma série de arquétipos, definindo-os por suas características mais marcantes. Assim como ocorre nas caricaturas _ e não é outra coisa um arquétipo _ que, ao realçarem certos traços, distanciam-se da realidade: é esta a distância que separa um rosto de sua caricatura”²³.

Como já foi referido anteriormente, foi impossível incluir neste estudo a ampla geração de arquitectos, que iniciou um novo caminho na produção arquitectónica portuguesa deste período, colocando-se árdua tarefa de selecção de apenas oito casos de estudo.

O processo de filtragem obedeceu a critérios de natureza pessoal, designadamente, um gosto precedente de conhecimento do trabalho dos arquitectos aqui apresentados, factores relacionados com motivos de deslocação e de natureza económica assim como se submeteu, igualmente, a preceitos de pertinência e relevância para os objectivos que se pretendia atingir.

De qualquer modo, o objectivo principal, como o texto anterior refere é detectar as características específicas de cada caso e realçá-las, ou seja desenhar “caricaturas”, que arquitectonicamente se pretendem representar sob a forma de diagramas esquemáticos.

Cabe ao capítulo seguinte a função de englobar todos os casos abordados, com o pressuposto de construir uma reflexão analítica, objectiva e sintética sobre o tema, ao qual se pretende dar uma abordagem diferente da que comumente se realça quando se entra no campo da habitação unifamiliar neste período.

Cabe também explicar que os “arquétipos” apresentados não foram guiados nem por ordem cronológica, nem por qualquer

23 ÁBALOS, Ināki, 2003, p.9

tipo de característica específica, a não ser o primeiro caso, como seguidamente se justificará.

CASA ÁLVARO TRIGO, Restelo 1964

Arquitecto Maurício de Vasconcellos (1925-1997)

No ano de 1964, é construída, na encosta do Restelo, a casa Álvaro Trigo, obra projectada pelo arquitecto Maurício de Vasconcellos. Como se refere anteriormente, a ordem pela qual os casos se apresentam não obedece a nenhuma regra, contudo fez-se questão de iniciar com esta obra o conjunto de exemplos que serão estudados.

Tendo sido este o caso que esteve na génese desta dissertação, quis-se, em algum momento do trabalho, que ocupasse um lugar de destaque, e é portanto com esta obra que inicia a abordagem aos casos de estudo.

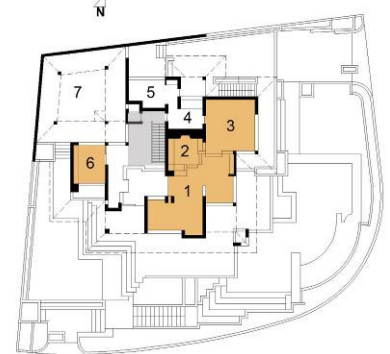
É uma obra paradigmática do meu ponto de vista, pelo modo como se afirma, como se impõe no terreno e simultaneamente como procura na mais pequena subtileza a relação com a natureza, com o exterior.

Numa zona onde a topografia dificulta a adaptação da casa ao terreno, num lote de reduzida dimensão face ao extenso programa desejado pelos clientes, a casa desenvolve-se em quatro pisos, que incluem desde a sala (zona de estar (1), lareira (2), sala de jantar (3)) cozinha (4), copa (5), quatro quartos (8) quase todos equipados com zonas de vestir, incluindo também um estúdio (10), uma biblioteca (6), uma sala de trabalho (9) e até um claustro (7), o arquitecto Maurício de Vasconcellos tira partido destas condicionantes e projecta uma obra, que para além de se adequar de modo extraordinário à escala humana, revela uma preocupação fundamental com o espaço exterior, ao qual atribui uma forma, um significado e uma escala.

Analisando a implantação observa-se uma massa que se posiciona na parte central do lote, e que aparentemente “engole” o terreno. É contudo, através de um extraordinário jogo geométrico, meticulosamente desenhado, que o arquitecto anula esta sensação, criando simultaneamente espaços em que a meaçaõ entre interior e exterior é quase inexistente - a fronteira dissolve-se.



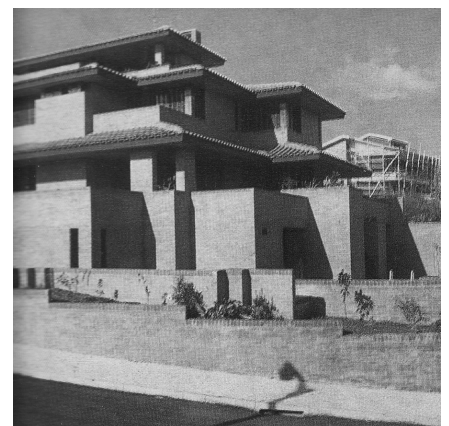
16 Casa Álvaro Trigo _ vista
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964



17 Casa Álvaro Trigo _ piso 0
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964



18 Casa Álvaro Trigo _ piso 1
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964



19 Casa Álvaro Trigo _ vista
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964

Para resolver a sensação de compressão programática penso que o arquitecto, procura, como se pode observar pela planta do piso da entrada, a diluição do programa com o exterior, utilizando simultaneamente esta solução nos restantes pisos, embora nestes, apoiando-se em dispositivos de articulação, como é exemplo, a varanda (normalmente anexada a uma floreira, trazendo a sensação de contacto com o jardim, para o interior).

O seguinte exercício esclarece de modo objectivo o que está na base da concepção deste projecto. Se olharmos para os dois diagramas que se seguem percebe-se imediatamente a importância do espaço exterior na concepção do projecto.

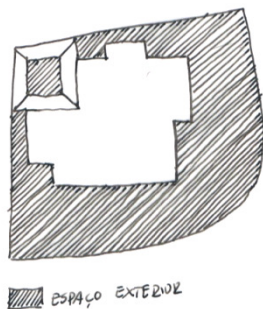


Diagrama 1 - Planta de cobertura

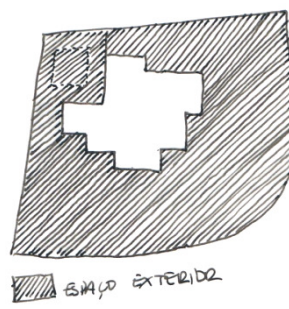


Diagrama 2 - Planta do piso térreo

Representando a branco o espaço correspondente aos espaços interiores e deixando a preto os espaços exteriores, vemos que a massa pesada representada na planta de cobertura, desaparece na planta da entrada. No segundo diagrama verifica-se que a dimensão atribuída ao espaço exterior é visivelmente maior em comparação com os espaços interiores.

Aqui levanta-se uma questão: porquê sobrecarregar deste modo o lote, com um volume aparentemente dilatado, como se verifica no primeiro diagrama, quando na verdade no espaço exterior isto não acontece?

Do meu ponto de vista, por um lado o arquitecto assume uma postura de valorização do espaço exterior e por isso não introduz no piso da entrada mais compartimentos, como poderia ter feito. Por outro lado, percebo uma vontade de destacar, de distinguir a composição. O texto que se segue, escrito por Maria Manuela Godinho sobre esta obra, explica por outras palavras o



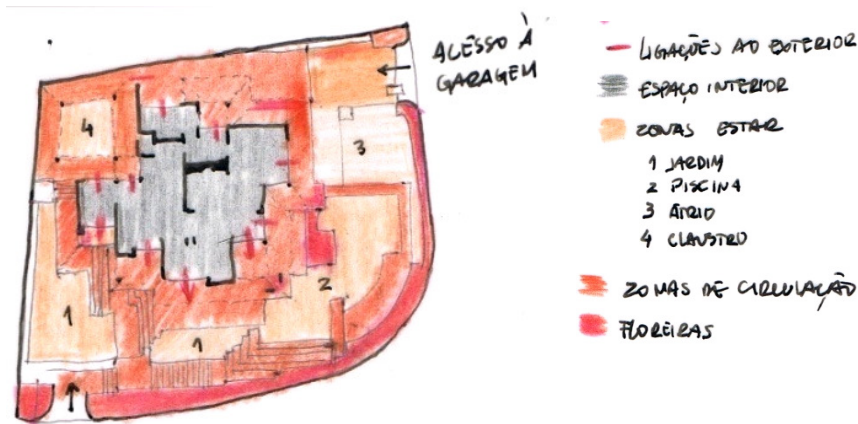
20 Casa Álvaro Trigo _ vista
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964

que referi anteriormente “ (...) Embora se procure uma interpretação do edifício com a natureza, nas antípodas da relação clássica em que o edifício é colocado num “podium”, distinto e sobranceiro, ele vai afirmar-se estável e centralizado, reafirmando por um lado a sua identidade “clássica”, enquanto objecto completo, mas reivindicando por outro lado uma relação diversa “moderna” com o sítio”.²⁴

Como consequência desta atitude o arquitecto distribui o programa e o conceito de ligação ao exterior, de forma escalonada, análoga a uma pirâmide e leva-o até ao topo da casa, ficando em contacto com a paisagem extraordinária sobre o rio Tejo e a margem sul, não limitando o diálogo entre o exterior/interior apenas no piso da entrada (fig. 21 e 22).

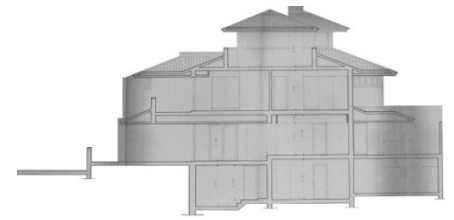
Neste nível, por intermédio de degraus, estabiliza a cota que permite uma abertura dos compartimentos interiores para a paisagem, ainda que pela rua não se tenha “acesso” visual ao interior.

A partir deste momento o arquitecto inicia a modelação do espaço exterior, para que da cota da entrada se desça até à cota da piscina e finalmente ao nível da garagem.

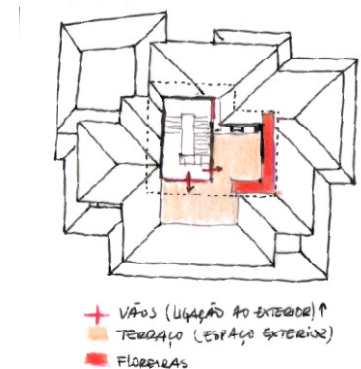


24 Casa Álvaro Trigo _ esquema piso 0
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964

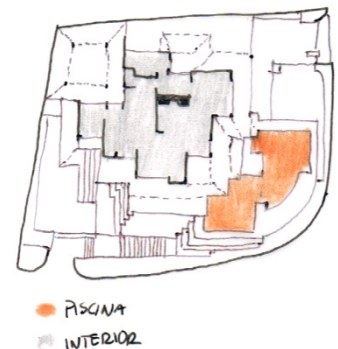
A explicação que encontro para o posicionamento da piscina, completamente absorvida pela geometria do espaço exterior, como se pode verificar na figura 23 e na figura 25, terá a ver com uma orientação mais confortável em termos de exposição solar e com o alargamento do terreno que se verifica nesta zona.



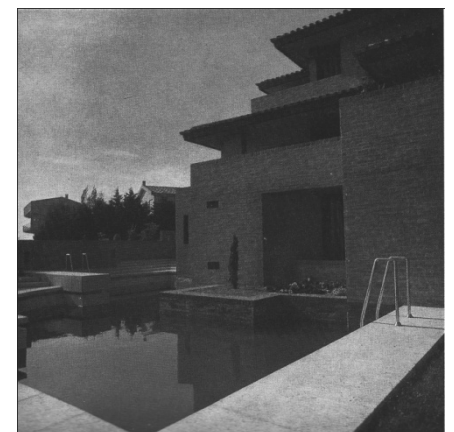
21 Casa Álvaro Trigo _ vista
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964



22 Casa Álvaro Trigo _ esquema última piso
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964



23 Casa Álvaro Trigo _ esquema
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964



25 Casa Álvaro Trigo _ vista
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964

Num nível superior, à cota da entrada para a habitação, todos os compartimentos de lazer voltam-se para esta zona de água, por intermédio de varandas cobertas, que delimitam quase todo o perímetro da planta do piso da entrada, as quais para além de protegerem estes espaços do sol e da chuva, funcionam como um filtro entre o interior e o exterior e vão proporcionando um efeito ilusório de massa.

No “canto” norte do lote, numa diagonal oposta à piscina, no espaço mais intimista do terreno, aparece um elemento de certo modo incomum, no que diz respeito ao projecto da habitação unifamiliar, o claustro (fig.26).

A localização deste espaço é muito interessante pela multiplicidade de funções que permite: como espaço de interacção directo entre o exterior e a biblioteca, por servir como espaço de contemplação, pelo conceito intimista de jardim “privado” e finalmente, por poder ainda funcionar como alargamento do hall da entrada.

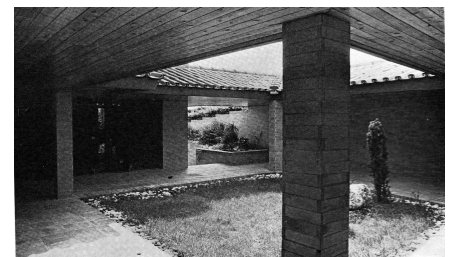
O jardim como espaço de estar, comumente desenhado na maior parte das moradias, aqui aparece como espaço de acolhimento, pela presença de uma pequena área de relvado, que acompanha, desde a entrada o percurso até ao claustro.

De uma forma subjectiva e tendo em conta a experiência presencial de visita à moradia, pode-se dizer que, este caso de estudo, é um exemplo claro de um objecto, em que exterior e interior se fundem, ao desenharem-se com o mesmo nível de intencionalidade (nota 4).

As imagens que se seguem demonstram que ao nível da composição, a obra se encontra completamente “rematada” a todos os níveis de intervenção.

Esta característica é denunciada ao percorrer todo o espaço (sente-se a geometria ao caminhar). E é precisamente ao caminhar, que de modo sequencial se vai anunciando cada espaço.

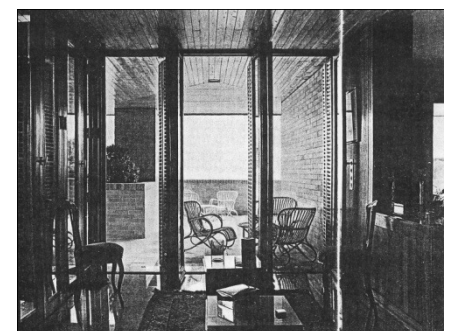
A percepção, à medida que se percorre os espaços, é pontual. Gordon Cullen define de um modo claro este modo de percepção. Denomina-o de “visão serial” e explica “O percurso de um extremo ao outro da planta a passo uniforme, revela uma sucessão de



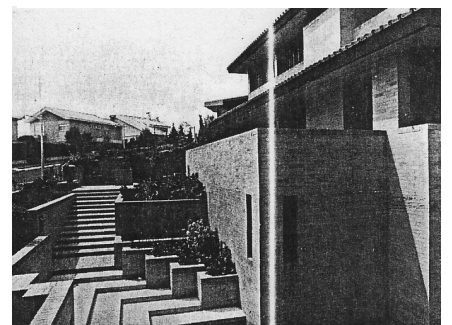
26 Casa Álvaro Trigo _ vista
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964

Nota 4: MOREIRA, Júlio. Revista
Arquitectura nº109, 4ª série, Maio-
Junho 1969, p121-126.

Como exemplifica o artigo escrito na revista Arquitectura nº109 a casa “ não está implantada no jardim, como é habitual; os dois termos formam uma única peça, o verde responde à invasão dos materiais da casa subindo até ao telhado.”



27 Casa Álvaro Trigo _ vista
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964



28 Casa Álvaro Trigo _ vista
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964

*pontos de vista (...) A progressão uniforme do caminhante vai sendo pontuada por uma série de contrastes súbitos que têm um grande impacto visual e dão vida ao percurso...*²⁵.

Isto acontece logo desde a entrada. Como se pode verificar pelas figuras 28 e 29, o percurso é feito de modo contínuo, pontuado por diversos desníveis, delimitado ora pelo verde ora pelos muros.

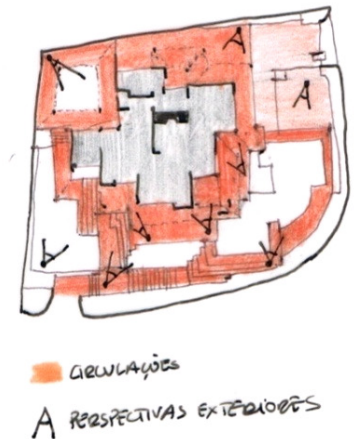
No que diz respeito à ligação dos espaços é curioso que somando os jogos volumétricos existentes, a marcação das coberturas, os vãos das janelas, as varandas, elementos que por si só marcam diferenças, não se conseguem distinguir. Esta é uma característica fundamental no processo de construção formal e plástico desta obra, porque apesar de tantos elementos, eles aparecem completamente integrados, estáveis, contribuindo para a ideia de massa única.

Este facto deve-se fundamentalmente ao tipo de materiais que foram escolhidos para a realização desta obra.

A estrutura é de betão revestido a tijolo. Nos sítios em que o betão é deixado à vista, refiro-me concretamente aos beirais, que acompanham o contorno dos telhados revestidos a telha, estes são pintados de ocre.

As caixilharias, tanto exteriores como interiores, assim como em certos remates e revestimentos de paredes, são em madeira de mutene. Os tectos exteriores são também da mesma tonalidade das caixilharias. No que diz respeito aos pavimentos exteriores estes são ora em tijolo ora em tijoleira. Os materiais encontram-se perfeitamente fundidos.

Toda esta monotonia cromática, e tantas outras características que ficaram para trás, são importantes para reforçar a postura que procurei até aqui reforçar. É a curiosidade, e uma determinante teimosia que me leva a procurar em outros autores o que esta casa me ofereceu.



29 Casa Álvaro Trigo _ esquema
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964



30 Casa Álvaro Trigo _ vista
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964

25 CULLEN, Gordon, 1984, p.19

CASA LINO GASPAR JR., Caxias 1964

Arquitecto João Andresen (1920-1967)

“...Sentido agudo do valor de sítio, fechando a casa a Norte e fazendo-a deslizar na extensa plataforma que se adossa ao terreno virado ao belíssimo quadro do estuário do Tejo (...) austera ligação à natureza através de uma poética de cheios e vazios plasmados numa horizontalidade disciplinadora sem limites de interior ou de exterior _ a casa entra na natureza_ (...)”²⁶

“Sentido agudo do valor de sítio” e “ austera ligação à natureza” são efectivamente duas características importantes para a compreensão desta casa, projectada pelo arquitecto João Andresen em Caxias.

A chegada a esta casa através da rua, anunciava já uma importante condicionante, a acentuada morfologia do terreno.

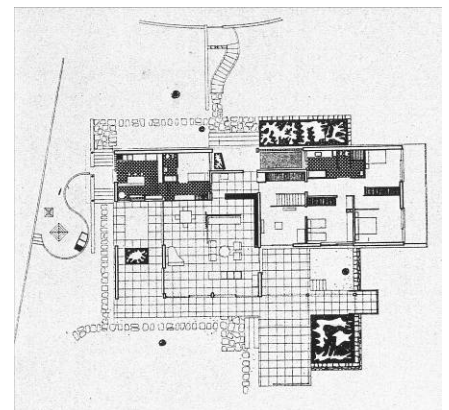
Da rua, retira-se a leitura de um volume paralelepípedo, sobranceiro, assente numa plataforma. Esta leitura não é contudo tão clara quanto parece, como se encontra descrito na citação seguinte “(...)Colocada aproximadamente segundo uma orientação Noroeste-Sudeste, apresenta-se numa situação híbrida entre incrustada no terreno e em balanço sobre este. No entanto, a forma como é desenhado o piso principal, onde se desenvolve todo o programa de áreas habitáveis, praticamente elimina a leitura desses dois extremos, parecendo a casa simplesmente pousada no lote”.²⁷

Acresce-se ainda a condição de encerramento em relação à rua e de abertura à magnífica paisagem do estuário do Tejo, o que irá provocar o aparecimento de diferentes espaços no exterior, para que se contemplem a diferentes perspectivas da paisagem longínqua, mas também próxima, i.e., dos espaços exteriores privados do lote.

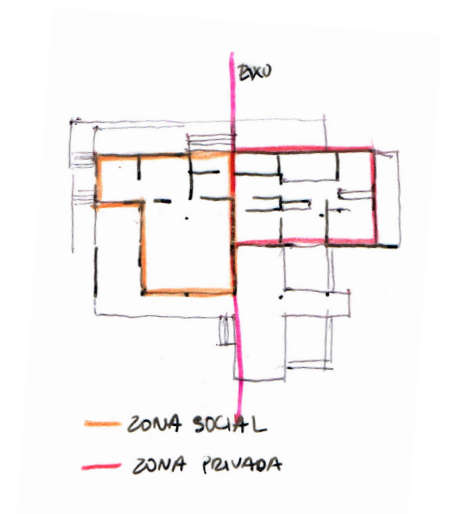
No que diz respeito à organização programática está claramente definido um eixo que divide a casa em dois sectores: um sector privado e um outro social. No sector privado existem ainda umas escadas que dão acesso à cave, que contém



31 Casa Lino Gaspar Jr. _ vista
Arq. João Andresen, Caxias, 1964



32 Casa Lino Gaspar Jr. _ planta piso 0
Arq. João Andresen, Caxias, 1964



33 Casa Lino Gaspar Jr. _ esquema
Arq. João Andresen, Caxias, 1964

26 TOSTÕES, Ana, 1997, p.59

27 SILVA, Sérgio, 2006-2007, p.68

actualmente uma sala de estar, outrora utilizada como escritório, e a garagem.

Como se pode verificar no que respeita ao programa não se observa qualquer tipo de complexidade. Onde este exemplo ganha realmente qualidade e por isso a decisão de o incluir neste estudo, é na exigência a que o arquitecto se propõe de diálogo com o exterior e por conseguinte a forma como este se apresenta “representado”.

Na minha opinião, a análise da planta de cobertura assinala uma preocupação de raiz, no que diz respeito à construção do espaço exterior.

A área construída encontra-se à semelhança do caso anterior numa posição central em relação ao lote, permitindo o desenvolvimento de um conjunto de espaços em seu redor. É necessário não esquecer o declive que se verifica no terreno, como condição para o posicionamento de alguns espaços assim como para a presença de alguns dispositivos de articulação de cotas.

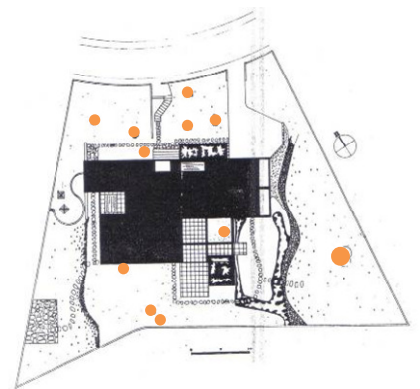
Este é talvez um daqueles casos em que à primeira vista se detecta uma enorme preocupação com o espaço exterior. Observa-se um especial cuidado no desenho do exterior.

Vejamos por exemplo, o cuidado com a inclusão de algumas árvores pré-existentes (fig.34) e a respectiva articulação com o espaço construído e ainda a interacção do espaço exterior com o espaço interior, pelos “buracos” que rompem e invadem o volume.

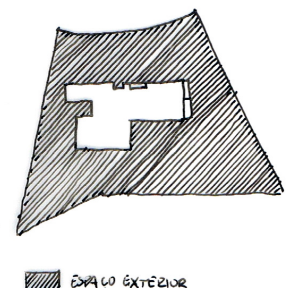
Observemos também o percurso que se realiza de modo contínuo pelo exterior, um percurso enriquecido de perspectivas diversificadas, como se pode verificar pelo esquema (fig.38).

Desde a entrada no lote, caminha-se por percursos pontuados por pedras graníticas que se salientam da relva e que nos levam até à cota mais baixa, onde existe a garagem, passando por uma zona de densos arbustos e árvores, que se exibem a nascente para a sala de estar e simultaneamente para os quartos do piso superior.

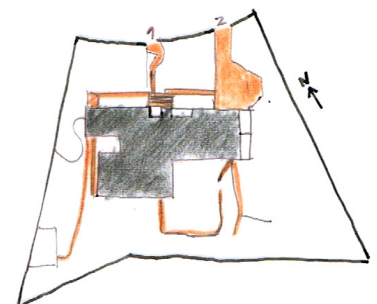
É contudo no nível superior, onde o jogo entre interior e exterior é mais visível. Analisemos a planta do nível superior.



34 Casa Lino Gaspar Jr. _ planta da cobertura
Arq. João Andresen, Caxias, 1964

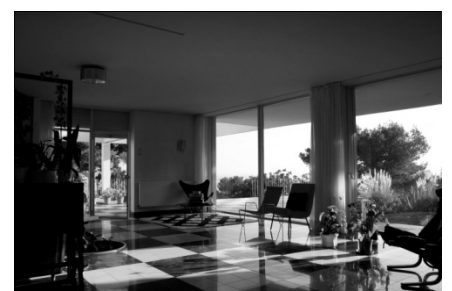


35 Casa Lino Gaspar Jr. _ esquema
Arq. João Andresen, Caxias, 1964



PERCURSOS EXTERIORES
1 ENTRADA PESSOAL
2 ALUGO À GARAGEM

36 Casa Lino Gaspar Jr. _ esquema
Arq. João Andresen, Caxias, 1964



37 Casa Lino Gaspar Jr. _ vista
Arq. João Andresen, Caxias, 1964

Como se pode verificar, é ardiloso o limite entre o que é interior e o que é exterior. Toda a zona social se expande para o exterior, chegando ao limite de se poder dizer que se trata de um amplo espaço de estar “apenas” coberto, fundindo-se com o espaço exterior e principalmente com o jardim, pontuado por um expressivo cipreste, que se demarca conferindo a este espaço verde uma identidade própria.

Uma pequena abertura na cobertura junto à área de jantar permite uma vez mais a intrusão do exterior no interior da habitação. Este pequeno “pátio” funciona, deste modo, como espaço de contemplação e como fonte de entrada de luz natural.

O prolongamento de lajes já fora da área coberta da casa (uma delas em comunicação directa com o quarto de brincar) é de modo inverso, mas igualmente interessante, um sinal claro de intrusão no espaço exterior.

Na zona privada da casa, nos quartos voltados a nascente são desenhados dois espaços exteriores, duas varandas que se projectam, procurando de modo metafórico prender a magnífica paisagem, que lhes foi proporcionada.

Tudo está pensado, o caminho que leva à entrada, os trilhos delineados em placas de granito, que vão de modo contínuo percorrendo todo o espaço exterior ligando todos os espaços, a zona pontuada por árvores de pequeno porte a nascente com, as floreiras, em determinados momento de transição, os espaços de estar (o jardim, as varandas, o pátio, o terraço), até a zona de secagem de roupa, ligada à zona dos serviços cujo espaço em forma de S, dificulta a visão tanto de quem está dentro, como de quem está fora do terreno.

Este modo de desenhar, quase como se se estivesse a escavar os espaços no lote, procurando ligá-los, articulá-los, não deixando um único espaço em “branco”, transmite claramente a ideia que o arquitecto João Andresen, quis para esta obra, acima de todas as características, condicionantes, todas as vontades do próprio cliente, a ideia de um todo unificado, onde efectivamente o espaço exterior é um factor determinante na concepção da casa.



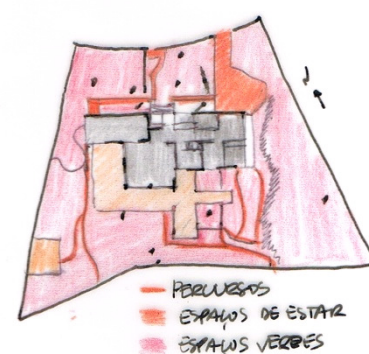
38 Casa Lino Gaspar Jr. _ vista
Arq. João Andresen, Caxias, 1964



39 Casa Lino Gaspar Jr. _ vista
Arq. João Andresen, Caxias, 1964



40 Casa Lino Gaspar Jr. _ vista
Arq. João Andresen, Caxias, 1964



41 Casa Lino Gaspar Jr. _ esquema
Arq. João Andresen, Caxias, 1964

CASA CONCEIÇÃO SILVA, Cascais 1960 Arquitecto Conceição Silva (1922-1982)

“A casa Conceição Silva, realizada para si próprio como habitação de fim-de-semana, apresenta uma das mais rigorosas utilizações do pátio como sistema central de circulação, iluminação, ventilação e zona de estar.”²⁸

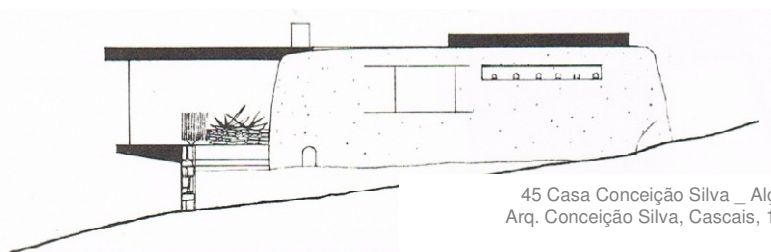
Realizada pelo arquitecto Conceição Silva, surge, em Cascais, no ano de 1960 uma habitação unifamiliar, que dos exemplos disponíveis ao longo do processo de investigação, se afirma como o modelo mais próximo à tipologia que com frequência se denomina como “casa pátio”. Esta moradia insere-se numa tipologia que tem a sua génese na cultura da Antiguidade Clássica, na tradição do pátio mediterrânico.

Considera-se este, um caso especial, uma vez que como o arquitecto Rui Ramos refere, esta foi a “época em que a produção de casas unifamiliares se baseava preferencialmente num modelo tripartido”.²⁹ (nota 5)

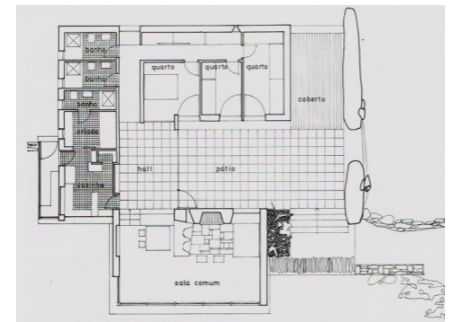
A casa é composta por três corpos onde por cada um se distribui o programa. O primeiro corpo onde se localiza a sala inclui um pequeno espaço de refeições; o segundo corpo é destinado exclusivamente aos serviços, ao longo do qual se distribuem a cozinha, com acesso ao quarto da criada, e as instalações sanitárias que servem o terceiro corpo, onde se localizam os quartos e um coberto.

A ligação entre estes três corpos é feita por intermédio do hall que, de certa forma, constitui já parte integrante do pátio (fig. 44).

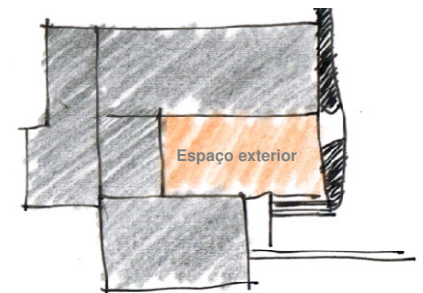
O quarto “volume”, que encerra a composição, é um plano, uma fraga, onde se encontra “escavada” uma janela para a paisagem.



45 Casa Conceição Silva _ Alçado
Arq. Conceição Silva, Cascais, 1960



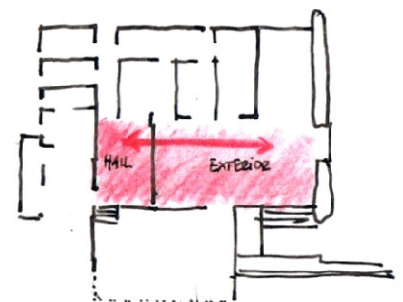
42 Casa Conceição Silva _ planta do piso 0
Arq. Conceição Silva, Cascais, 1960



43 Casa Conceição Silva _ esquema
Arq. Conceição Silva, Cascais, 1960

Nota 5: RAMOS, Rui, 2010, p.337

Modelo Tripartido
“Organização em três conjuntos funcionais diferentes e identificados como: área de privacidade (associada à dos quartos), área de sociabilidade doméstica (ligada à sala ou salas) e área dos serviços (que integra a cozinha, compartimentos de apoio e trabalho, e quartos de empregados).”



44 Casa Conceição Silva _ esquema
Arq. Conceição Silva, Cascais, 1960



46 Casa Conceição Silva _ vista
Arq. Conceição Silva, Cascais, 1960

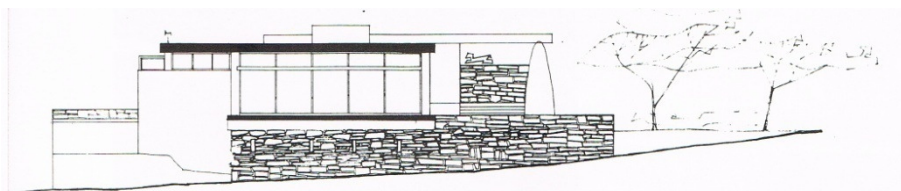
²⁸ RAMOS, Rui, 2010, capítulo 3, p.577

²⁹ Ibidem, p.743

O pátio só não tem um perímetro contínuo, na medida em que o volume da sala é interrompido - proporcionando o acesso à casa - por intermédio de umas escadas, que simultaneamente configura uma abertura para a paisagem para quem se encontrar no coberto, supra citado.

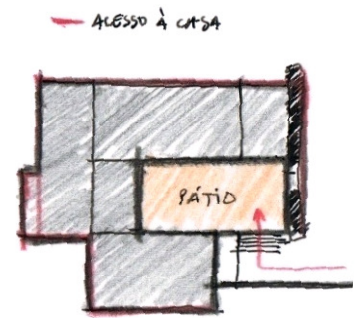
À falta de uma planta de cobertura, no esquema em anexo pode-se verificar que o espaço exterior é um elemento estruturador do projecto, para onde todos os compartimentos se voltam. “ (...) No essencial, julgamos que, na casa moderna, o pátio deixa de ser um espaço escavado numa massa homogénea, para passar a ser um espaço aberto, que articula e estabelece relações com os diferentes corpos da casa.”³⁰

É importante referir que, ainda que todos os compartimentos estejam voltados para o pátio, no volume da sala abre-se uma excepção e é então desenhado um amplo plano envidraçado voltado para a paisagem. Não estamos perante o pátio descrito por Carles Marti “(...) en tanto que espacio recintado y concluso, estático y contemplativo, abstraído del mundo exterior, cerrado en todo su perímetro y abierto solo cenitalmente(...).”³¹

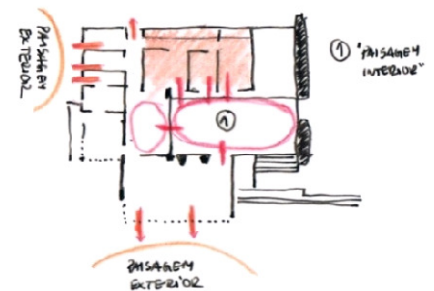


49 Casa Conceição Silva _ Alçado frontal
Arq. Conceição Silva, Cascais, 1960

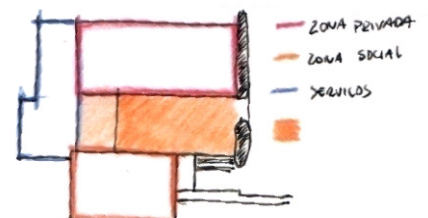
É curioso constatar que numa zona onde a paisagem é um elemento de captação do olhar, o arquitecto optar por uma forma, um modo de concepção que tem por base conceitos de intimidade, privacidade, abrindo apenas em dois pontos a habitação para a paisagem. Esta escolha poderá ter por base uma questão de segurança, de controlo, decorrente da situação de isolamento da casa.



47 Casa Conceição Silva _ esquema
Arq. Conceição Silva, Cascais, 1960



48 Casa Conceição Silva _ esquema
Arq. Conceição Silva, Cascais, 1960



50 Casa Conceição Silva _ esquema
Arq. Conceição Silva, Cascais, 1960



51 Casa Conceição Silva _ vista
Arq. Conceição Silva, Cascais, 1960

30 RAMOS, Rui, 2010, p.574

31 Revista DPA nº13, 1997, p.45

Outra questão interessante coloca-se na proporção entre o espaço ocupado pelos corpos e o espaço livre. Parece pequeno o espaço destinado ao pátio, o que não se sente se incluirmos o hall de entrada. Esta questão de dimensão e escala poderá ser consequência da reduzida dimensão do lote.

Procurando resumir a questão central do estudo deste caso, é indubitável que a concepção desta casa, parte do espaço exterior, do pátio.



52 Casa Conceição Silva _ vista
Arq. Conceição Silva, Cascais, 1960

CASA DR. RIBEIRO DA SILVA, Ofir 1958

Arquitecto Fernando Távora (1923-2005)

“(...) a casa de Fernando Távora surge como uma proposta inédita de reconciliação da tradição com a modernidade. A sua opção é a de uma simplicidade orgânica na exploração da tranquilidade do espaço, concentrada na relação da construção com a paisagem, na articulação de inflexões subtis na geometria, na combinação de novas e tradicionais tecnologias e materiais, demonstrando um delicado poder de síntese e harmonia.”³²

A casa de Ofir, como habitualmente é denominada e conhecida no seio da arquitectura portuguesa, é um exemplo marcante da arquitectura do período em questão, por ensaiar, como refere a arquitecta Ana Tostões *“uma renovação do vocabulário e das ideias em nome de uma modernidade”³³*, reconciliada com a tradição.

Esta obra é vista como reflexo do “Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, 1956-1961”, que se iniciou nesta altura e do qual fez parte o arquitecto Fernando Távora, dando um contributo significativo na sua elaboração. Este é um documento de extrema importância, (como foi referido no capítulo IV), para a compreensão das verdadeiras raízes da arquitectura portuguesa.

Távora havia já enunciado a vontade de encontrar uma linguagem nacional, longe das imposições do regime e da rigidez racional da primeira fase do movimento moderno. Esta obra expressa por conseguinte, a fusão da Casa Moderna com a Casa Portuguesa, surgindo como uma terceira via (nota 6) (cf. Távora, Fernando; O Problema da Casa Portuguesa; Lisboa: Manuel João Leal, 1947).

Esta breve introdução é pertinente, na medida em que esta casa se tornou numa referência para vários arquitectos, que possuíam, de igual modo, a inquietação transmitida pelo arquitecto Fernando Távora. Como uma referência, a sua presença neste estudo é muito importante.

Da planta de cobertura desprendem-se dois volumes: um posicionado com direcção nascente-poente, conectado por uma ligação coberta com o outro, orientado segundo o eixo norte-sul.



53 Casa Dr. Ribeiro da Silva _ vista
Arq. Fernando Távora, Ofir 1958

Nota 6:FERNANDEZ, Sérgio,1988,p.127

Retomam-se as lições da arquitectura tradicional no manuseamento de materiais, nas soluções construtivas, na escala adoptada e até no uso de elementos-símbolo como a chaminé da lareira, aqui, de acentuado volume. Não haverá, no entanto, qualquer similitude com os «regionalismos oficiais». O rigor de desenho que caracteriza a concepção do projecto traduz-se, na construção, por um perfeito ajuste de todas as suas peças. Através do uso de alguns dos elementos de composição mais carismáticos das suas obras mais recentes e de maior impacto, reconhece-se a influência de Le Corbusier.”

32 TOSTÕES, Ana, 1997, p.68

33 Ibidem

Contudo, na realidade, ao nível da organização programática, detectam-se claramente três volumes.

O primeiro é reservado para a zona privada da casa, onde se organizam os quartos que se encontram voltados a nascente, com as instalações sanitárias e as áreas de arrumos organizadas numa faixa voltada a poente.

O segundo, correspondente à zona social, ocupado pelo hall de entrada pela sala de jantar e pela sala de estar, que se encontra subtilmente dividida entre um espaço destinado à contemplação do exterior e uma zona de fogo, naturalmente pontuada pela lareira. Todos estes espaços se encontram voltados a sul.

O terceiro volume abriga as zonas de serviço: a cozinha, o quarto da empregada, uma instalação sanitária, a lavandaria e também, no mesmo volume, mas sem comunicação com estas zonas, a garagem.

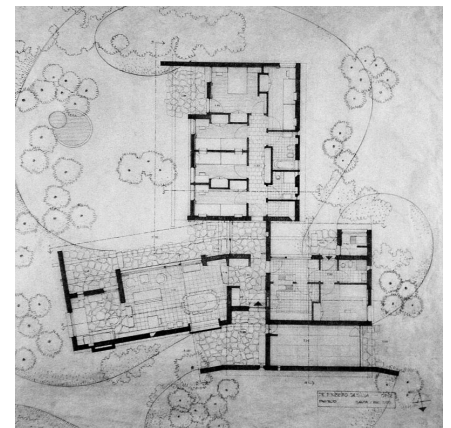
No que diz respeito ao objecto de estudo, este exemplo destaca-se, pois como se pode observar, a organização dos volumes origina um espaço exterior reservado, limitado pelas zonas social e privada, e por uma colina artificial desenhada pelo arquitecto (nota 7). Como refere o arquitecto Rui Ramos, a planta com uma geometria semelhante em L “ (...) é antes de mais, um processo de definir um côncavo interiorizado para onde se volta a vida doméstica, sendo o seu perímetro exterior o espaço reservado ao acesso e serviços (...) a casa é assim protegida do exterior.”³⁴

Na planta do piso térreo, percebe-se claramente que os espaços, os de foro privado e em particular os de foro social, abrem-se para o “pátio” descrito anteriormente, o que leva a que este se transforme na zona exterior principal da casa. Os espaços internos vivem do pátio assim como o pátio vive dos espaços internos.

É a partir deste espaço que discretamente se estabelece um diálogo íntimo com o interior, quer pelo plano envidraçado desenhado na zona de jantar e de estar, quer pelos dois “alpendres” escavados nos volumes, um levando o exterior até ao



54 Casa Dr. Ribeiro da Silva _ esquema
Arq. Fernando Távora, Ofir 1958



55 Casa Dr. Ribeiro da Silva _ planta piso 0
Arq. Fernando Távora, Ofir 1958

Nota 7: FERNANDEZ, Sérgio, 1988, p.128

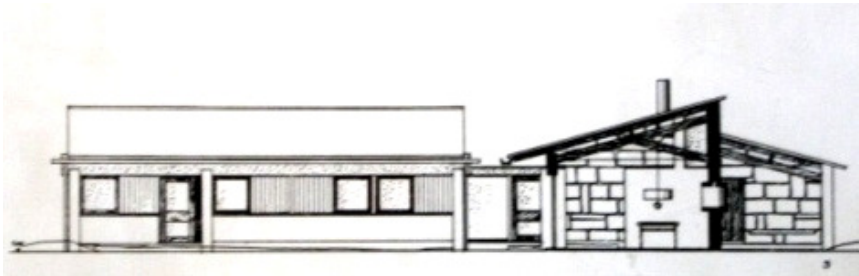
“ A deliberada intenção de criar um ambiente humanizado conduzirá à modelação, também, do terreno que artificialmente conformará a paisagem próxima.”



56 Casa Dr. Ribeiro da Silva _ vista
Arq. Fernando Távora, Ofir 1958

³⁴ RAMOS, Rui, 2010, p.282

quarto principal, outro estabelecendo uma relação directa com a zona de fogo, que se encontra demarcada no espaço social.



57 Casa Dr. Ribeiro da Silva _ corte
Arq. Fernando Távora, Ofir 1958

A posição central que a casa ocupa no lote e a possibilidade de aproveitamento do espaço exterior, como um espaço contínuo, onde de modo sequencial vão surgindo diferentes perspectivas, não acontece neste exemplo.

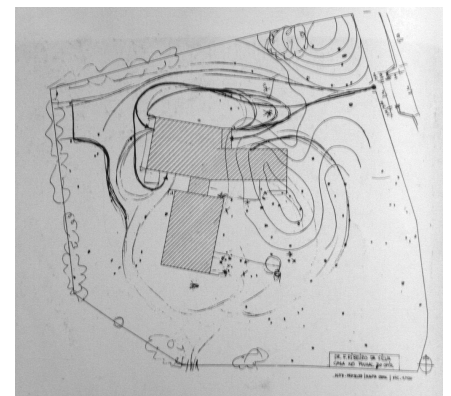
Destaca-se o caminho para a chegada à entrada na moradia, a zona de chegada do automóvel, mas os restantes espaços acabam por se tornarem sobranceiros, sem apresentarem qualquer tipo de ligação com o interior.

Faço ainda referência ao modo como se apresentam os espaços pavimentados, que como se pode observar pelo esquema (fig.60) invadem em alguns momentos o espaço interior, como são exemplos: o espaço reservado à zona de fogo na sala (1), o espaço de entrada exterior coberto cujo pavimento se prolonga, até ao hall de distribuição (2) e deste para um alpendre, consequência do prolongamento do telhado (3), neste caso na zona social.

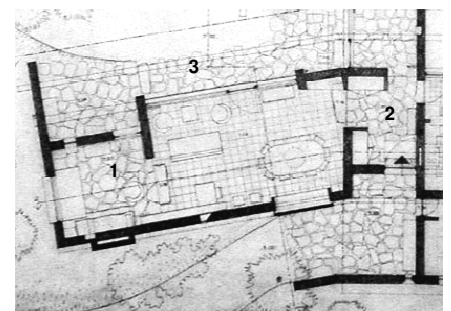
Por fim é importante frisar como este exemplo procura encaixar-se, enraizar-se no terreno, numa zona densamente arborizada (fig.61), em que a massa vazia nitidamente domina e envolve o cheio e num único ponto, num “foco”, se forma uma aliança entre os dois, resultado da soma dos volumes com o pátio e a colina.



58 Casa Dr. Ribeiro da Silva _ vista lazeira
Arq. Fernando Távora, Ofir 1958



59 Casa Dr. Ribeiro da Silva _ planta
Arq. Fernando Távora, Ofir 1958



60 Casa Dr. Ribeiro da Silva _ planta
Arq. Fernando Távora, Ofir 1958



61 Casa Dr. Ribeiro da Silva _ vista
Arq. Fernando Távora, Ofir 1958

CASA DR. BARATA DOS SANTOS, Vila Viçosa 1958

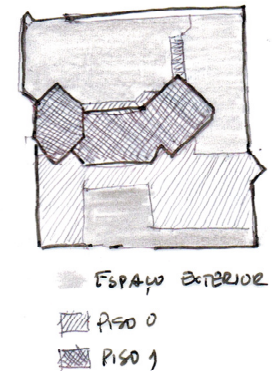
Arquitectos N. Teotónio Pereira (1922) e Nuno Portas (1934)

Num dos quarteirões da acolhedora Vila Viçosa, em pleno Alentejo é solicitada a construção de uma moradia a meados da década de 50, aos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas.

Localizada num lote com três frentes voltadas para diferentes ruas, perto da muralha e próxima da “Porta de Estremoz”, é erguido um exemplo que demonstra a situação de adaptação ao moderno e simultaneamente a utilização de soluções, sistemas, materiais e técnicas construtivas regionais.

Como refere Ana Tostões, *“Integrada no contexto urbano de qualificado ambiente e valores histórico-patrimoniais assinaláveis da vila alentejana, o conceito de intervenção baseia-se num diálogo sereno com as pré-existências _ as casas populares com pátio, o castelo, o traçado urbano do conjunto da vila, o Paço Ducal, a igreja _ e é certamente na questão do entendimento do nível de intervenção no contexto dado que reside a modernidade e a importância singular, desta obra no quadro da história da arquitectura portuguesa.”*³⁵

A aproximação às características envolventes é um factor importante, neste caso de estudo, como iremos ver. Numa zona geográfica e com condicionantes climáticas diferentes das obras que abordamos até agora, “vizinha” de uma envolvente consolidada e marcante, estes dois arquitectos projectam uma obra extraordinária, no que diz respeito à procura de adaptação à envolvente, explorando, simultaneamente, uma espacialidade moderna.



62 Casa Dr. Barata dos Santos _ implantação
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



63 Casa Dr. Barata dos Santos _ vista
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



64 Casa Dr. Barata dos Santos _ vista
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958

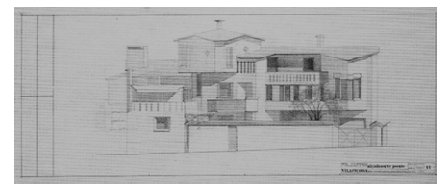
35 TOSTÕES, Ana, 1997, p.63

As primeiras imagens que aqui se apresentam revelam um volume invulgar. É surpreendente o jogo de volumes realizado, quase como se existisse uma massa que explode, da qual resultam “pequenos” fragmentos que se lançam em diferentes trajectórias. Trata-se de um jogo minucioso de escala, de dimensão, de avanço e recuo dos volumes, como se pode observar pelas imagens.

A apreciação da obra seria completamente diferente sem uma visita prévia à obra, porque pela documentação, pelas plantas, cortes e fotografias, a ideia que se constrói desta moradia é diferente. Imagina-se um objecto massivo no que diz respeito à escala, impositivo, principalmente em relação ao lote, muito centrado no espaço interno, aparentemente desinteressante para este estudo. Revelou-se no decurso da visita ao local um caso de estudo importante.

É um objecto massivo, especialmente pela dimensão do programa, mas não é impositivo, pelo contrário, o que poderia resultar numa ocupação intrusiva, compacta, é contrariada com a ajuda do forte declive (fig.67) e da dimensão que o lote possui, permitindo uma perfeita adaptação à envolvente.

A casa organiza-se em três pisos, com duas entradas a cotas diferentes, ligadas por percursos, quer internos, quer externos. É no piso intermédio, no qual se situa a entrada principal que se concentra o programa “essencial”: zonas sociais, serviços e áreas privadas. Daqui vale a pena destacar a descrição da arquitecta Ana Tostões no que respeita à sala “*A sala comum dá lugar a diversos espaços autónomos e flexíveis, com a possibilidade de ligação entre si, possibilitando uma extraordinária liberdade na fruição do espaço, cuja flexibilidade lembra o melhor de um Raul Lino da Casa do Cipreste*”³⁶. A sala ocupa assim uma posição central ligada a várias zonas onde simultaneamente se desenvolve uma escada que permite o acesso ao nível superior.



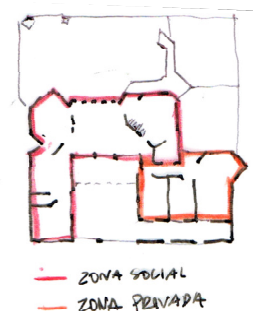
65 Casa Dr. Barata dos Santos _ corte
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



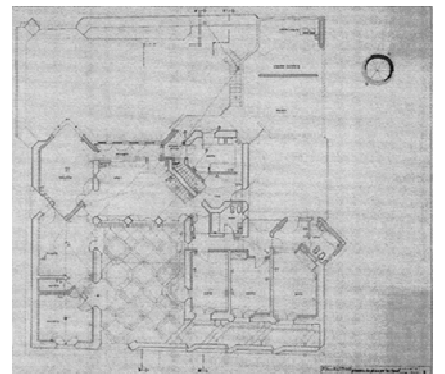
66 Casa Dr. B. dos Santos _ vista
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



67 Casa Dr. Barata dos Santos _ corte
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



68 Casa Dr. Barata dos Santos _ esquema
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



69 Casa Dr. B. dos Santos _ piso intermédio
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa 1958

36 TOSTÕES, Ana, 1997, p.64

A casa do Cipreste (1907-1913) projectada por Raul Lino, em São Pedro de Sintra, é um exemplo marcante de articulação do programa doméstico com o espaço exterior, o pátio. O arquitecto Rui Ramos, no livro “Arquitectura e Projecto Doméstico na primeira metade do Século XX Português, na página 576, faz uma descrição desta obra, realçando de igual modo o princípio de flexibilidade e sobretudo a importância do pátio, que como refere é “o principal elemento gerador e de articulação das diferentes partes que compõe o programa”.

Este nível - que se destaca volumetricamente na composição, funcionando à semelhança de um miradouro - é reservado à intimidade, como espaço de contemplação, como se percebe pelas aberturas direccionadas para diferentes perspectivas (fig.70).

O nível inferior é escasso em informação. Sugere-se que aqui pudessem estar localizadas a garagem, as zonas de lavandaria e tratamento de roupas entre outros espaços de serviço que não consigo identificar.

É inevitável não ficar surpreendida, com o extraordinário jogo geométrico que toda a casa apresenta, e com o modo como é desenhado o programa.

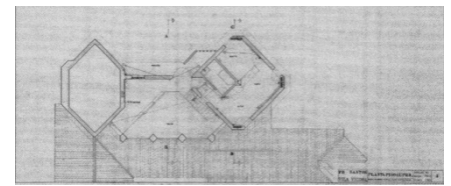
Para este estudo importa fundamentalmente perceber de que modo o espaço exterior é ou não interveniente no desenho do espaço interno.

Do esquema (fig.72) podemos ver que a moradia se implanta no terreno em forma de “U”, anexando-se aos limites do lote, e possui dois pátios, um à cota superior e outro à cota inferior, que encerram o lote.

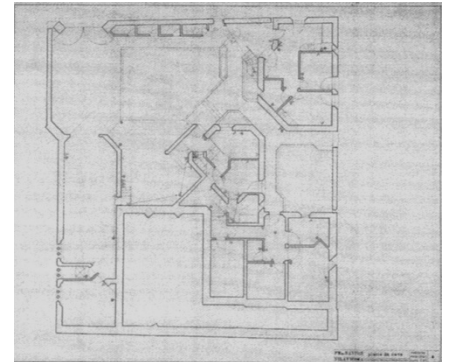
O primeiro pátio, que se considera principal, por se apresentar como espaço de recepção, com um tratamento especial do pavimento, desenvolve-se quase como um claustro para onde se voltam todos os espaços, à excepção dos quartos, que se voltam para um “corredor” exterior, íntimo, protegidos pela altura dos muros. Os muros, assim como os volumes, exercem funções primordiais na intenção de encerramento do espaço interno do lote, em relação à rua.

Neste nível, mas do lado oposto a este pátio, existe um espaço exterior, ligado ao corredor de distribuição dos quartos que ora aparece como jardim – onde é representada vegetação -, ora representa um terraço. Deste espaço existe uma ligação, ao nível mais baixo da casa, por intermédio de umas escadas.

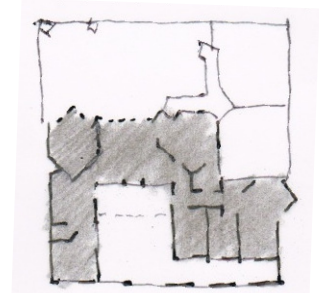
O segundo pátio, na cota inferior, apresenta sensivelmente a mesma dimensão do atrás citado, mas ao contrário deste funciona como pátio de serviço, por se apresentar numa cota inferior à do volume intermédio e por isso não desenvolver uma



70 Casa Dr. Barata dos Santos _ piso superior
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



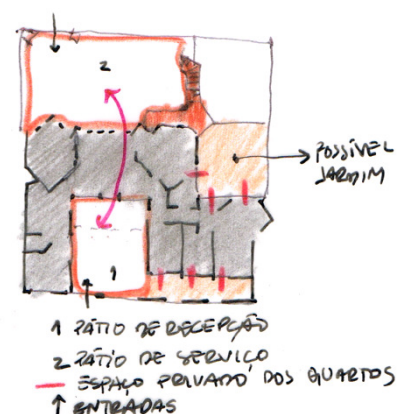
71 Casa Dr. Barata dos Santos _ piso inferior
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



72 Casa Dr. Barata dos Santos _ esquema
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



73 Casa Dr. Barata dos Santos _ vista pátio
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



74 Casa Dr. Barata dos Santos _ esquema
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958

relação de proximidade com os espaços que o compõem. É também por este espaço que se faz o acesso à garagem.

Estes dois espaços embora separados pelo corpo central e pela diferença de nível não deixam contudo de se ligar, mesmo que não de modo físico, pelas sucessivas escadas que de modo escalonado vão vencendo as diferenças de cotas.

Ora tendo em conta a mancha construída da planta de cobertura e observando todas as dinâmicas criadas pelos pátios (inclusivé pela própria atribuição de funções diferentes a cada um deles) e restantes espaços exteriores e acrescentando a constante iniciativa de encerramento de ligação ao exterior, realçando-se no fundo as ligações dos espaços internos do lote, julgo estarmos perante um caso especial, em que o espaço exterior apresenta determinadas características que em conjunto com o espaço interior, acabam por formar um todo.

Pensa-se que o espaço exterior aqui funciona simultaneamente, como um espaço que protege o espaço interno da casa, distanciando-o da rua.

Este caso de estudo revela-se surpreendente, identificando-se com um modo de construir onde a união entre o exterior e o interior conferem a este objecto uma presença relevante para o que se encontra em análise.

Por fim, deixo este excerto, que realça o valor da envolvente e do espaço exterior enquanto meios de transmissão de imagens, de uma linguagem, que não precisa de ser descrita, mas apenas observada.

“Um certo ambiente de magia envolve a experiência sentida desta obra, que não pára de surpreender com imagens fortes e vigorosas de subtis diálogos com o exterior concentrados em enquadramentos pictóricos, que se desenham nas imagens eleitas no sítio, como quadros que nos dão à descoberta do perfil ameado do castelo, ou as fabulosas cúpulas das torres da igreja reflectidas nos vidros coloridos do armário separador da sala.”³⁷



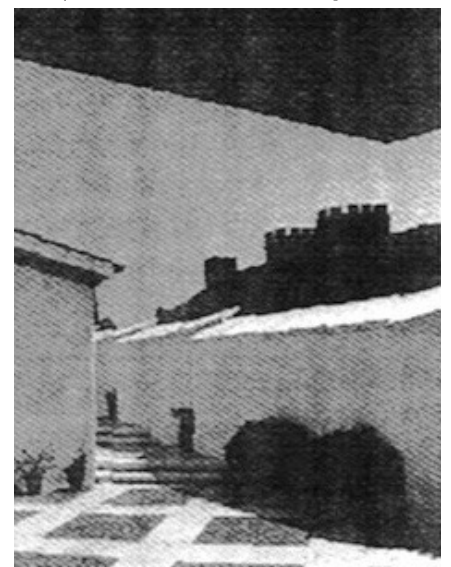
75 Casa Dr. Barata dos Santos _ vista
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



76 Casa Dr. Barata dos Santos _ vista
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



77 Casa Dr. Barata dos Santos _ vista
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958



78 Casa Dr. Barata dos Santos _ vista
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958

37 TOSTÕES, Ana, 1997, p.271

CASA RANGEL LIMA, Lisboa 1951

Arquitecto Maurício de Vasconcellos (1925-1997)

“Voltamos ao estilo. A casa que aparece a meio da Avenida do Aeroporto, ali pousada como se tivesse aterrado vinda dum mundo diferente das que a precederam, suscita aqueles comentários, que todos nós já sabemos de cor, desde o «caixote» à «arquitectura bolchevista», (...) que aquilo não é para cá que é copiado do estrangeiro, que não é nacional”³⁸

Localizada numa Avenida marcada pela predominância de exemplos arquitectónicos de cariz “*regionalista, pitoresco,*” *catálogo de versões que declinaram ao absurdo o mito da casa portuguesa*³⁹, como refere Ana Tostões, surge com irreverência uma casa moderna, de acentuado racionalismo e expressiva influência brasileira, irreverência que justifica a escolha do título “*Surpresa no Aeroporto*”, apresentado num artigo publicado em 1953 pela revista arquitectura portuguesa cerâmica e edificação (nota 8).

No que corresponde à organização programática, o esquema é simples. O volume, de base rectangular organiza-se em dois pisos. No piso térreo, voltados a sul localizam-se o escritório (1) e sala (2), à qual se encontra anexado o bar (3), abertos sobre o jardim, e a norte, quase em simetria, o hall de entrada (4), os serviços (i.s.) (5), cozinha com copa (6), arrecadação e garrafeira (7) e as áreas de circulação.

No segundo piso, assumindo as linhas de composição do piso inferior encontram-se organizados numa primeira faixa os quartos e numa segunda faixa as circulações e os serviços (instalações sanitárias, rouparia e quarto da empregada (8)).

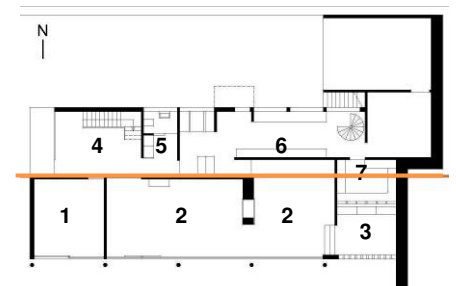
É importante referir a irreverência desta casa, pela forma como se encontra particularmente implantada, com o perfil lateral voltado para a Avenida, abrindo o alçado principal para sul. Esta opção decorre da pressuposta existência de uma zona verde localizada precisamente a sul a qual não viria a ser concretizada, o que pôs em causa o princípio elaborado pelo arquitecto Maurício de Vasconcellos, como o próprio refere:



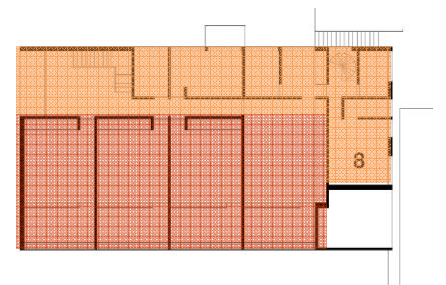
79 Casa Rangel Lima _ implantação
Arq. Maurício de Vasconcellos, Lisboa, 1951

Nota 8: TOSTÕES, Ana, 1997, p.61

De notar que o Bairro da Encosta da Ajuda, onde se localiza a casa Álvaro Trigo e a Av. do Aeroporto, representam como enuncia Margarida Acciaiuoli, “o mais acabado ‘paraíso’ residencial lisboeta, (...) as duas zonas residenciais de eleição da cidade moderna salazarista”.



80 Casa Rangel Lima _ piso 0
Arq. Maurício de Vasconcellos, Lisboa, 1951



81 Casa Rangel Lima _ piso 1
Arq. Maurício de Vasconcellos. Lisboa. 1951



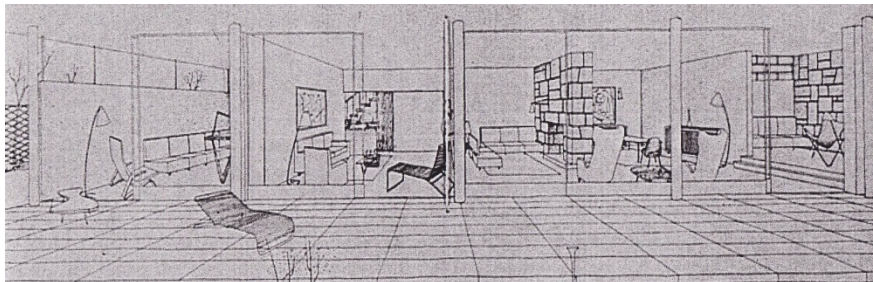
82 Casa Rangel Lima _ alçado para a Av.
Arq. Maurício de Vasconcellos. Lisboa. 1951

38 Moradia Rangel de Lima. Arquitectura Portuguesa Cerâmica e Edificação nº3/4. Abril de 1953, pp.42

39 TOSTÕES, Ana, 1997, p.60

“... Posteriormente já com a obra em adiantado estado de construção, entendeu a Câmara eliminar essa zona verde, vendendo-a em lotes para construção de moradias. O princípio usado, de inteira fenestração das zonas voltadas a Sul, e para cuja intimidade contribuía de forma decisiva aquela zona verde, legitimamente considerada como prolongamento natural do terreno, foi então posto em causa, dada a proximidade da construção a erigir, futuramente no lote contíguo. Em compensação de tão grande prejuízo e porque a casa já não poderia ser alterada, conseguiu-se apenas a aquisição de alguns escassos metros de terreno.”⁴⁰

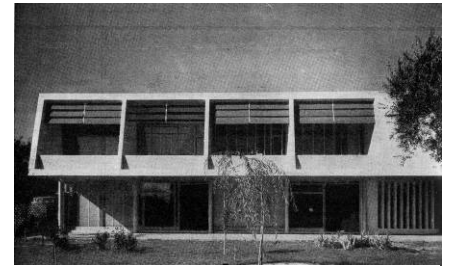
Os escassos metros de terreno permitiram para além de uma ampliação do jardim, da zona de lazer, (como se pode ver nas figuras 83 e 84 onde são colocadas “ chaise longues” e representadas algumas árvores), um maior afastamento em relação ao lote vizinho e por conseguinte uma maior intimidade para a zona onde se encontra implantada a casa.



84 Casa Rangel Lima _ perspectiva
Arq. Maurício de Vasconcellos, Lisboa, 1951

Esta nova escala do espaço exterior não é propriamente aproveitada pelo arquitecto, pois a sua dimensão permitia a introdução de outros usos, e portanto um usufruto maior por parte do habitante. Não sabemos, contudo, até que ponto poderá ter sido uma pretensão do cliente.

Como refere Maurício, “a obra já estava em adiantado estado de construção”⁴¹ e por isso os pressupostos enunciados não foram alterados. Existe portanto, uma postura de exposição, de abertura para o exterior, como se pode verificar no segundo piso, onde cada quarto usufrui de uma pequena zona de estar ao ar livre, mas para um exterior controlado, íntimo, como o arquitecto pensou que se viria a concretizar, o que não aconteceu.



83 Casa Rangel Lima _ alçado Sul
Arq. Maurício de Vasconcellos, Lisboa, 1951

40 LOBO, Vasco. A obra do arquitecto Maurício de Vasconcellos. Architectura nº 75. Junho de 1962, pp. 6

41 Ibidem

Da leitura do projecto verifica-se que quer as zonas privadas quer as zonas sociais se projectam de um modo directo para o exterior.

No piso da entrada essa comunicação é muito clara.

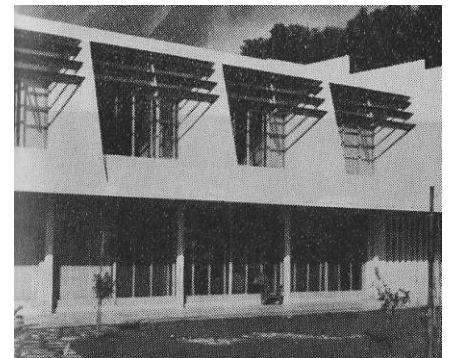
Retirando os serviços, voltados para norte com algumas aberturas para um “corredor” exterior de acesso à garagem, assiste-se a uma lógica de continuidade dos espaços internos, baseada no princípio de “open space”, apenas interrompida na zona de trabalho que, anexa à sala comum, não estabelece com esta nenhum tipo de ligação (nota 9). Toda esta faixa está voltada para sul, onde o limite entre interior e exterior é apenas bloqueado por um plano contínuo de vidro.

Apesar desta vontade de ligação com o exterior, penso que o arquitecto parte novamente de um princípio de intimidade. Na transição entre interior e exterior existe uma área pavimentada, abrigada, resultado do balanço do piso superior e portanto recolhida em relação ao espaço exterior propriamente dito (fig.85 e 86).

Este não será o melhor exemplo de uma relação franca de ligação com o espaço exterior, uma vez que o princípio usado foi sempre o da procura de intimidade, dito de outra forma pretende-se a ligação contudo, colocam-se limites.

Além de tudo, e é importante frisar novamente para que a análise deste caso não fique comprometida, que a área inicial de lote, a partir da qual o arquitecto pensou o projecto não foi a final.

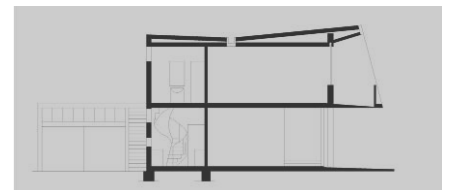
Em modo de síntese, pode-se observar ao longo deste caso, uma aproximação ao exterior, evidente, principalmente no piso térreo. Ainda que timidamente, encontra-se neste exemplo, o reconhecimento do espaço exterior como espaço de interacção com o interior. No entanto, este diálogo não é tão expressivo como já se observou nos casos anteriores.



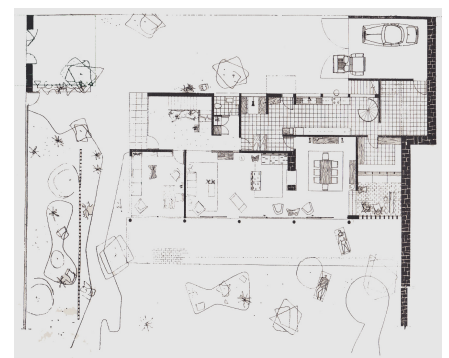
85 Casa Rangel Lima_ vista
Arq. Maurício de Vasconcellos. Lisboa. 1951

Nota 9: RAMOS, Rui, 2004, p. 9.600

“ A casa é então um contendor de múltiplas funções e actividades que já não encontram uma definição rígida, baseada na compartimentação, mas num espaço que se pretende fortemente contínuo e fluido, de acordo com os habitantes e a sua idade a época ou a circunstância”.



86 Casa Rangel Lima_ planta
Arq. Maurício de Vasconcellos, Lisboa, 1951



87 Casa Rangel Lima_ planta
Arq. Maurício de Vasconcellos, Lisboa, 1951

CASA RUY D' ATHOUGUIA, Cascais 1951-1953

Arquitecto Ruy D' Athouguia (1917-2006)

Exemplo próximo da casa Rangel Lima é a casa Ruy D' Athouguia. Sua contemporânea e similar em algumas das opções tomadas, foi desenhada pelo arquitecto Ruy Jervis D' Athouguia, para ele próprio, em Cascais, entre 1951 e 1953.

Num lote rectangular, de moderada dimensão, sem expressão no que respeita à morfologia, e *“sem referências urbanas próximas”*⁴² o que já não se verifica actualmente, encontram-se dispostos três volumes, como se pode verificar pela figura 88.

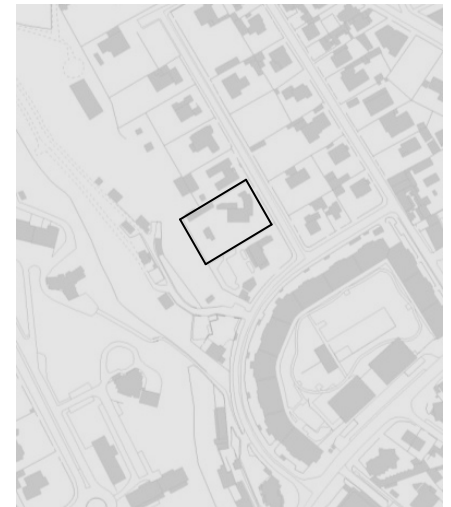
A casa apresenta-se implantada numa posição central no lote mas os volumes não se encontram paralelos à rua, o que faz com que a casa se encontre deslocada. Aparentemente, não existe qualquer condicionamento para a implantação da casa.

Este deslocamento é peculiar, face à envolvente, mas justificado, pelo facto de a casa estar voltada a sul. Na época em que foi construída não existiam as interrupções visuais que hoje se observam, o que permitiria a partir do volume principal, a vista para o mar (fig.89).

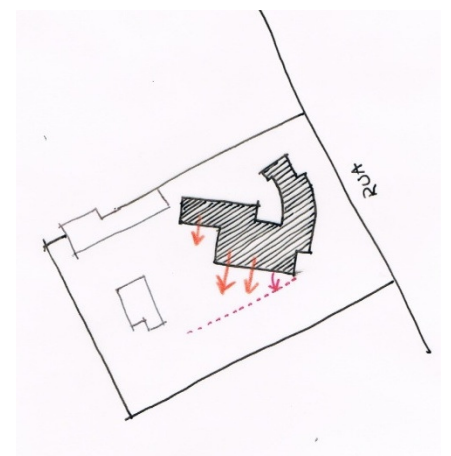
Ao nível funcional verifica-se que cada um dos volumes é projectado para uma determinada função: o principal onde se organiza o hall de entrada, a sala, os quartos e as instalações sanitárias, e dois volumes secundários, um composto pelas zonas de serviços e cozinha e outro onde se localiza o atelier do arquitecto e a garagem.

Tratando-se contudo de três volumes, estes não se encontram desenhados de modo desarticulado, pelo contrário formam um conjunto.

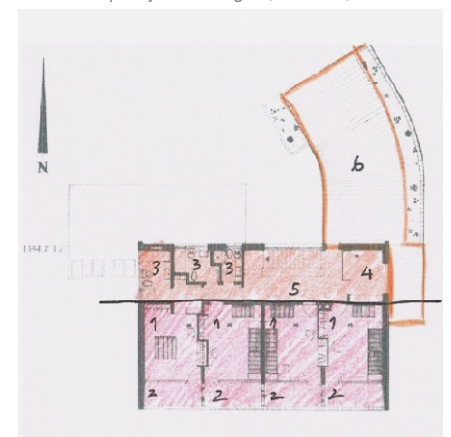
Comecemos desta vez a análise do piso 1 para o piso térreo. Neste, assumindo as linhas de composição do piso inferior, (o que acontece também na casa Rangel Lima) destacam-se organizados numa primeira faixa, voltada a sul, os quartos (1), cada um deles com um prolongamento para o exterior, feito por intermédio de varandas (2), individuais e privadas a cada compartimento.



88 Casa Ruy d'Athouguia _ implantação
Arq. Ruy D' Athouguia, Cascais, 1951-53



89 Casa Ruy d'Athouguia _ esquema
Arq. Ruy D' Athouguia, Cascais, 1951-53



90 Casa Ruy d'Athouguia _ planta piso 1
Arq. Ruy D' Athouguia, Cascais, 1951-53

⁴² CORREIA, Graça, 2008, p.108

Na segunda faixa as instalações sanitárias (3), um pequeno quarto de vestir (4) e as zonas de circulação (5), ocupam lugar de destaque. Distingue-se ainda nesta zona - embora actualmente esteja modificada, como ficou claro aquando da visita à obra - uma ligação à cobertura do volume, correspondente ao escritório, que pela imagem da implantação e no alçado nascente aqui dispostos, tudo indica que se trataria de uma área de terraço (6).

É no entanto, no piso térreo que a ligação dos três volumes se processa, sendo particularmente interessante a existência de um pequeno pátio (7) que o arquitecto desenha na articulação de todos os volumes. Este pátio, para além de realizar esta articulação encontra-se directamente relacionado com o hall da entrada, onde se localiza a escada que faz o acesso ao piso 1, proporcionando a este espaço franca luminosidade.

É também neste nível que o contacto entre interior e exterior é mais evidente. Estas situações são recorrentes no volume principal.

À semelhança do que acontece na casa Rangel Lima, é na sala que se verifica a maior fluidez espacial e de igual modo se verifica a mesma pretensão de a abrir completamente para o exterior, como se constata pela extensão da superfície de vidro. O avanço das varandas no piso superior e a colocação no exterior do piso térreo, de um pavimento cerâmico, enuncia uma vontade clara de ligação com o interior.

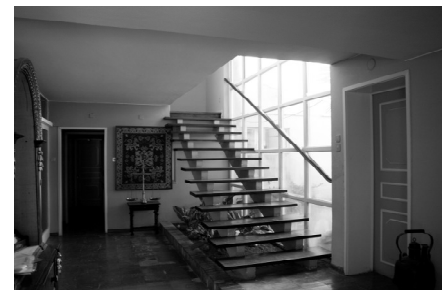
Um elemento novo e que aparece integrado por completo na planta deste piso é o desenho de um banco que se prolonga do interior para o exterior. Quem está sentado do lado exterior só está separado do interior por um plano de vidro, e vice-versa. O modo como se encontra implantado é peculiar porque à semelhança do que acontece no interior, onde se localiza a zona de estar, também no exterior é criada uma zona de estar, abrigada.

Nos desenhos do arquitecto Ruy D' Athouguia aparecem representadas formas de ocupação do exterior, como são exemplo as chaises longues e as zonas arborizadas que aparecem pontualmente no amplo jardim a sul.

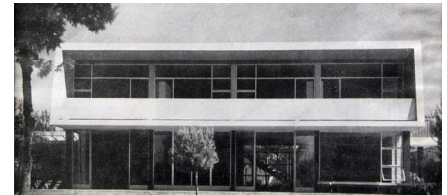
A dimensão deste jardim, torna-o por conseguinte, no



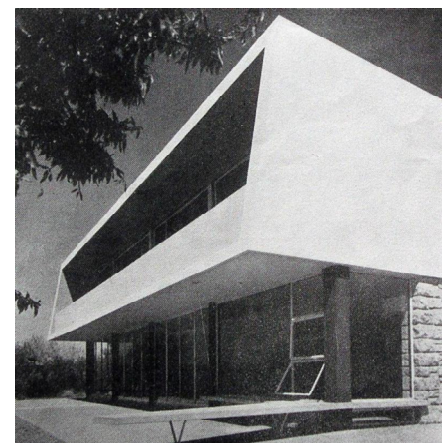
91 Casa Ruy d'Athouguia _ planta piso 0
Arq. Ruy D' Athouguia, Cascais, 1951-53



92 Casa Ruy d'Athouguia _ vista
Arq. Ruy D' Athouguia, Cascais, 1951-53



93 Casa Ruy d'Athouguia _ vista
Arq. Ruy D' Athouguia, Cascais, 1951-53

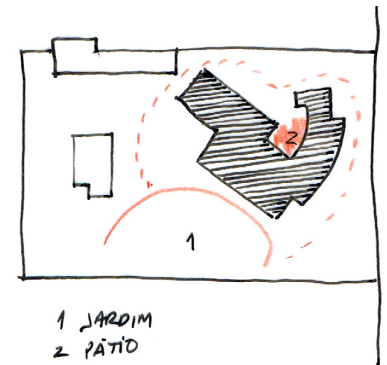


94 Casa Ruy d'Athouguia _ vista
Arq. Ruy D' Athouguia, Cascais, 1951-53

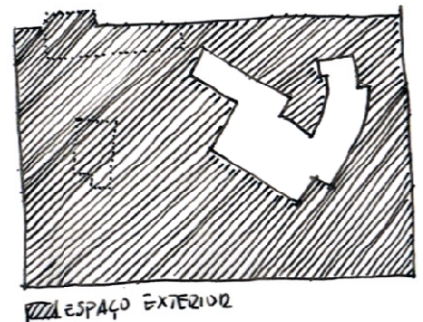
espaço exterior de maior relevo, em relação aos outros espaços, que vão aparecendo à medida que se vai percorrendo o lote, dos quais o arquitecto não tira partido, a não ser, como já foi referido, do pátio.

No que respeita a este projecto, pensa-se que, embora se percorra o lote de modo contínuo, e o espaço exterior apresente qualidades para que fossem criados espaços de articulação com o interior, relembro aqui a “visão serial” descrita por Gordon Cullen, presente na casa Álvaro Trigo, não existe a fusão do espaço exterior com o interior, a não ser no pátio e na zona coberta exterior que se localiza junto à sala.

Análoga à casa Rangel Lima não existe nenhum usufruto dos espaços exteriores “sobrantes”, no que concerne à relação com o interior, a não ser tímidas relações pontuais, nem um maior investimento, dada a dimensão do terreno, de programa no espaço exterior.



95 Casa Ruy d'Athouguia _ esquema
Arq. Ruy D' Athouguia, Cascais, 1951-53



96 Casa Ruy d'Athouguia _ esquema
Arq. Ruy D' Athouguia, Cascais, 1951-53

CASA EM LOULÉ, Loulé 1953

Arquitecto Gomes da Costa (1922)

No início da década de 50, o arquitecto Gomes da Costa, projecta em Loulé, uma casa unifamiliar, num lote de duas frentes.

O interesse por este caso de estudo surgiu imediatamente após o contacto com a planta, pelo modo como se encontravam desenhados e como estavam distribuídos os espaços interiores e exteriores.

Trata-se de uma moradia cujo princípio formal parte de um espaço exterior, fechado - o pátio, a partir do qual se desenvolve o programa. O que é contudo peculiar é a interpretação que o autor faz do conceito de pátio, como se explicará posteriormente.

A planta do piso térreo revela um espaço exterior que se encontra quase na sua totalidade, coberto.

Este facto advém da procura da elevação da edificação, libertando grande parte deste piso, criando uma zona abrigada, resguardada do clima e também da rua.

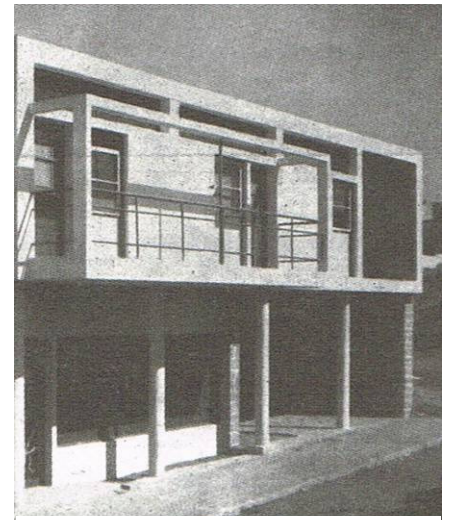
Para além desta zona abrigada zona de ócio / lazer, como aliás se encontra representada na planta do piso térreo (nota 10), que simultaneamente dialoga com um pequeno jardim situado na direcção traseira da moradia, existem também duas áreas perfeitamente identificadas: uma corresponde a uma loja e a outra área é claramente destinada ao abrigo do carro, como se pode observar pela diferença de pavimento.

Ainda neste nível e situada no alçado principal, juntamente com a entrada para a loja, existe uma outra entrada abrigada que contacta com o espaço público, que antecede um pequeno hall, já no interior da habitação, a partir do qual se acede ao piso superior, por intermédio de uma escada.

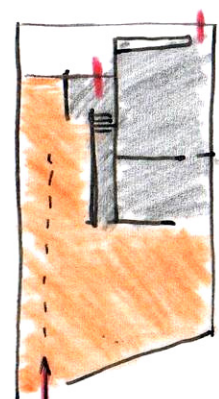
No que diz respeito ao objecto de estudo, este é um caso invulgar, como se verifica na organização do piso térreo. É contudo, no piso superior que reside a singularidade desta casa.

Formalmente, como já referido, é a partir do espaço exterior que o arquitecto esboça o projecto.

Agregado ao limite esquerdo do lote, numa posição central, este espaço exterior divide a moradia em dois volumes



97 Casa em Loulé _ vista
Arq. Gomes da Costa, Loulé, 1953



- ESPAÇO EXTERIOR COBERTO
- ESPAÇO INTERIORE
- ENTRADA PARA O CARRO
- ENTRADAS

98 Casa em Loulé _ esquema
Arq. Gomes da Costa, Loulé, 1953

Nota 10: RAMOS, Rui, 2010, p.572

“ O reforço da utilização deste espaço ainda é acentuado pela presença de uma lareira exterior _ situada na mesma prumada de uma outra no piso 2 _ que juntamente com o mobiliário desenhado em planta, sugerem diferentes possibilidades de uso deste espaço.”

opostos (fig.99). De um lado as zonas sociais e do outro as zonas privadas, unidas por um corredor, anexo ao pátio, que funciona simultaneamente como espaço de ligação das duas zonas e também como zona de recepção. Resta ainda um rectângulo no limite direito do lote, no mesmo alinhamento do pátio, que serve como zona de entrada de luz e ventilação para o piso inferior.

O pátio, além de funcionar como ordenador do projecto, possibilita a convivência ao ar livre, o contacto com uma pequena parte da natureza, sem que se perca a sensação de intimidade, de refúgio, de recolhimento.

Os espaços que se reúnem á sua volta, são também espaços com características diferentes aos que estamos acostumados a observar porque vivem de uma dinâmica directa, com o espaço exterior, com o pátio. Repare-se na relação da sala, de um dos quartos e da escada, com o espaço exterior (fig.100).

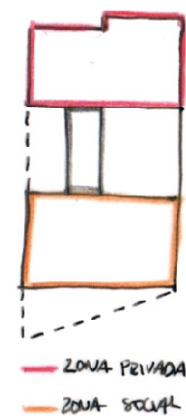
Através da planta podemos observar um pequeno detalhe que imprime a este piso uma singular dinâmica. Existe uma diferença de cota entre os dois volumes, que claramente se distingue pela presença de uma rampa a ligar os dois volumes ao nível interno e de umas pequenas escadas desenhadas no pátio, que com a floreira definem distintamente o espaço destinado à área social e à área privada.

A apresentação do mobiliário nas plantas é um elemento precioso para a compreensão dos usos destinados aos diferentes espaços, quer ao nível interior quer ao nível exterior.

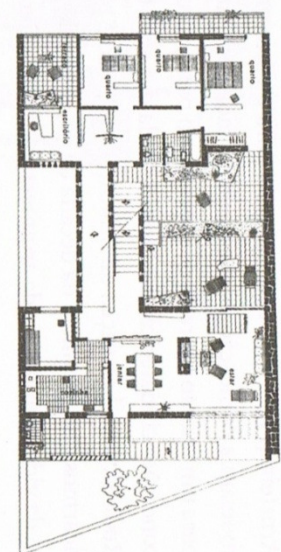
O princípio de organização deste piso é simples e inovador: dois volumes separados por um vazio numa posição central, ligados por um corredor.

Trata-se de um esquema que Carlos Marti, num artigo escrito para a revista dpa, denomina de esquema binuclear, desenvolvido pelo arquitecto Marcel Breuer (1902-1981). Nesse artigo esta tipologia é descrita como sendo um híbrido entre a casa pátio e o seu oposto a casa belvedere, ou “mirador”, aberta para a paisagem.

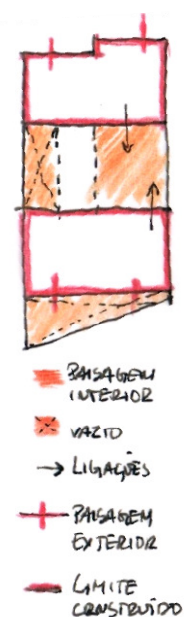
“Cabe hablar, pues de la casa binuclear como de un híbrido entre la casa pátio y la casa mirador, ya que, sin renunciar a la relación



99 Casa em Loulé _ esquema
Arq. Gomes da Costa, Loulé, 1953



100 Casa em Loulé _ piso 1
Arq. Gomes da Costa, Loulé, 1953



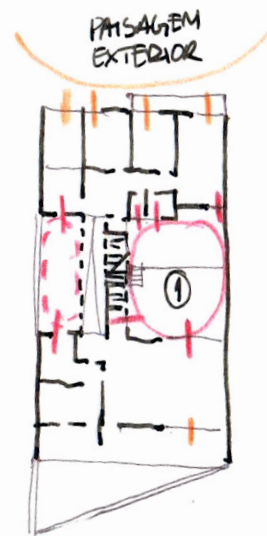
101 Casa em Loulé _ esquema
Arq. Gomes da Costa, Loulé, 1953

*directa con el paisaje, Breuer recupera la idea de un espacio al Aire libre englobado por la propia casa.*⁴³

Este é portanto um conceito diferente que será desenvolvido por outros arquitectos, uns de um modo mais fiel ao princípio, outros sintetizando as suas principais características, conjugando-as com outros princípios.

No final, o que conta é o que este espaço possibilita e representa, uma nova interpretação do conceito de pátio, que simultaneamente se abre para o exterior. Este caso de estudo é um exemplo notável de que os volumes nascem do espaço exterior e vivem para ele.

Como refere o arquitecto Rui Ramos “ Devemos salientar, mais uma vez, o carácter singular desta casa no panorama da arquitectura doméstica, entre outros aspectos, pela forma como uma pequena edificação, de área muito reduzida, reúne um conjunto tão completo de sinais e citações da arquitectura do Movimento Moderno. Uma dessas citações é a usada na associação entre rampa, pátio e escadas, numa *promenade architecturale* (...)”⁴⁴



① PASSAGEM
INTERIOR

102 Casa em Loulé _ esquema
Arq. Gomes da Costa, Loulé, 1953

43 Revista DPA nº13, 1997, "El patio recobrado", p.51

44 RAMOS, Rui, 2010, p.573

4. REFLEXÃO CRÍTICA _ APROXIMAÇÃO AOS CASOS DE ESTUDO

Apresentados os vários casos de estudo, torna-se agora possível uma reflexão crítica com base em temas fundamentais à compreensão destes espaços, e uma aproximação à caracterização do exterior como uma condicionante para a organização do espaço interno e simultaneamente um espaço de manifestação de um novo estilo de vida.

Assim, partindo do particular para o geral, serão tecidas considerações aos vários casos, com base em determinadas questões que foram surgindo ao longo da análise.

Aproveita-se simultaneamente este momento para completar o que foi exposto no segundo capítulo, no ponto 2.2, onde são referidos os factores de transformação que conduziram à introdução do espaço exterior na lógica da organização do Habitar.

Ao longo da segunda metade do século XX, assiste-se a um processo contínuo de revisões e apreciações do que ia sendo considerado como “princípios a adoptar na arquitectura” (nota 11).

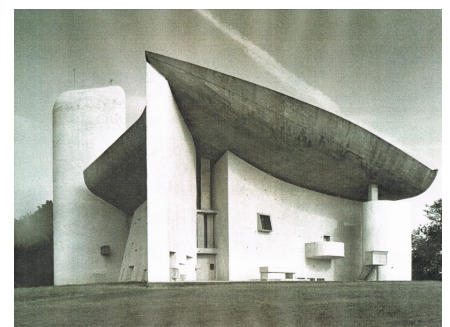
Como foi referido no ponto 2.2, foi com o Movimento Moderno que se desenvolveram novos sistemas construtivos, novos materiais e novos dispositivos, os quais iriam revolucionar a articulação entre o espaço habitável encerrado e o seu espaço exterior contíguo. É importante referir, um conjunto de figuras e exemplos que não foram citados anteriormente, que tiveram certamente grande influência nos arquitectos e respectivas obras que aqui se encontram em estudo e que marcaram, de igual modo, outros que não foram estudados.

Como refere Josep M. Montaner, “ *A sociedade não pode renunciar ao desejo de aperfeiçoamento, revisão crítica e reformulação contínua de suas questões básicas*”⁴⁵ e foi este o espírito que marcou os vários períodos da arquitectura no século XX.

De um modo sucinto, rapidamente foram criticadas as opções do Estilo Internacional. O próprio Corbusier, posteriormente, reconhece a rigidez dos princípios impostos e

Nota 11: MONTANER, Josep M., 2001, p.12

“ Se os anos da segunda década do século foram os anos dos primeiros experimentos inovadores em artes plásticas e arquitectura, nos anos vinte foram formulados os primeiros resultados formais e estilísticos _ Casa Dominó, arranha-céus transparentes, etc._ e nos anos trinta e quarenta, estas formulações foram se convertendo em Academia, porém não foram aplicadas de maneira ampla na maioria dos países até aos anos cinquenta. (...) Pode-se estabelecer que já entre os anos 1929-1930, para assinalar uma data, entra-se em um novo período: o período de assentamento da arquitectura moderna e de difusão do «Método Internacional» de uma arquitectura que as leis de produção dos países avançados vão aceitando como um novo método e imagem.”



103 Capela Notre-Dame-du-Haut _ vista
Arq. Le Corbusier, Ronchamp, 1950-55

45 MONTANER, Josep Maria, 2001, p.12

explora alternativas, das quais se destacam a Capela Notre-Dame-du-Haut (1950-1955), construída em Ronchamp e as obras desenvolvidas em Chandigarh. Mies Van der Rohe (1886-1969), por sua vez, representava a continuidade de algumas das directrizes do movimento moderno, no que diz respeito ao estudo de novas tecnologia, métodos construtivos e materiais.

Montaner descreve de forma objectiva esta evolução. Afirma que *“a concepção da arquitectura passa da ideia primordial do espaço à ideia do lugar. Ou seja, deixa de entender a essência da arquitectura no espaço físico, matemático, plástico, psicológico, racional e funcional (tomando como referência as ideias de Moholy-Nagy e Zevi) para entendê-la como lugar, como algo mais concreto, material, real, qualitativo e humano, carregado de cultura, história, símbolos e qualidades definidas pela luz e pela textura dos materiais”*⁴⁶.

Estes novos conceitos foram matérias para diferentes estudos e para o desenvolvimento da obra de vários arquitectos, a maioria discípulos directos dos mestres⁴⁷, dos quais destaco: Alvar Aalto (1898-1976), que realiza uma arquitectura essencialmente organicista e humanista, da qual saliento como exemplos a Villa Mairea, Normarkku (1939) e a Casa Experimental, Muuratsalo (1952); Louis Khan (1901-1974), com uma obra baseada no rigor e nas leis da geometria, definida pela atenção ao detalhe de cada espaço no que diz respeito à iluminação, aos elementos construtivos, aos materiais e por fim ao conforto do interior, como se pode observar na casa Fisher (1960-1967); Carlo Scarpa (1906-1978) com uma obra onde se denota fortes influências da arquitectura Veneziana e Japonesa, influenciado pela paisagem e pelos materiais, praticando uma arquitectura caracterizada por uma aproximação ao contexto histórico das estruturas existentes, como evidencia a obra que projecta em Verona no ano de 1974, a Villa Ottolenghi.



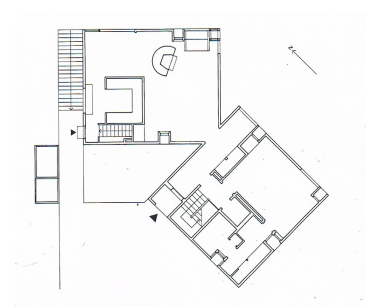
104 Casa Farnsworth _ vista
Mies van der Rohe, Illinois, 1951



105 Villa Mairea _ vista
Arq. Alvar Aalto, Normarkku, 1939



106 Casa Fisher _ vista
Arq. Louis Khan, Pensilvania, 1960-67



107 Casa Fisher _ planta
Arq. Louis Khan, Pensilvania, 1960-67



108 Villa Ottolenghi _ vista
Arq. Carlo Scarpa, Verona, 1974

46 MONTANER, Josep Maria, 2001, p.41

47 Ibidem, p.36

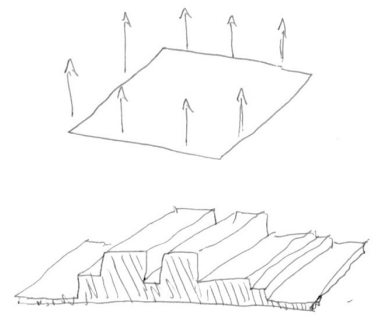
“É aceito que existiria uma «primeira geração», a dos protagonistas do Movimento Moderno, que nasceu por volta de 1885, ou seja, aproximadamente entre 1880 e 1894, e começou a desenvolver suas obras a partir de 1910, com realizações influentes já nos anos vinte. Podemos encontrar arquitectos como Walter Gropius (1883-1969), Erik Gunnar Asplund (1885-1940), Mies van der Rohe (1886-1969), Le Corbusier (1887-1965), Eric Mendelsohn (1887-1953), Hannes Meyer (1889-1954), J. J. P. Oud (1890-1963), Johannes Duiker (1890-1935), Richard Neutra (1892-1970), Hans Schmidt (1893-1972), Hans Scharoun (1893-1972), André Lurçat (1894-1970), e outros. Arquitectos como Frank Lloyd Wright (1867-1959), Tony Garnier (1869-1948), August Perret (1874-1954), Bruno Taut (1880-1938), e outros, pertenciam a uma geração anterior.”

Esta evolução crítica, que ocorre externamente, processa-se também em Portugal, como já se referiu nos últimos parágrafos do primeiro capítulo, sobre dois caminhos diferentes. Um, ligado a uma visão internacionalista, assente nos princípios da carta de Atenas; outro, ligado à compreensão da cultura nacional, a uma intenção mais regionalista, que terá a sua base na formulação do Inquérito à Arquitectura Popular.

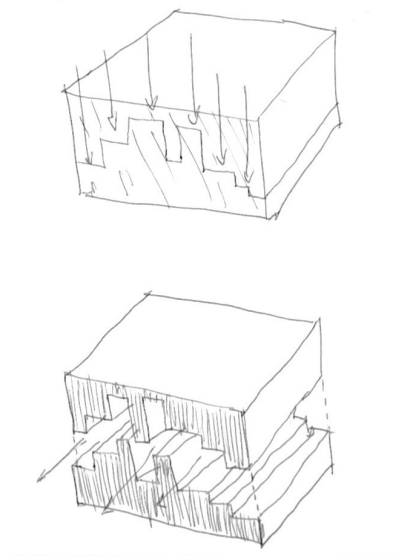
O que importa salientar, é que é desta “reinterpretação” do movimento moderno, que o espaço exterior privado, seguindo uma intenção ou outra, ganha expressão na composição da arquitectura doméstica.

Os arquitectos começam a trabalhar numa “arquitectura de fusão”, onde o espaço exterior deixa de ser um espaço vazio, muitas vezes subordinado ao espaço interior, e passa a ser lido em conjunto com interior, formando um todo, como se pôde observar com maior e menor relevância, nos casos de estudo expostos. Em alguns casos, abandona-se a ideia do plano onde se colocam peças, para se seguir uma linha de conceptual, onde o lote é trabalhado como um volume que vai sendo escavado.

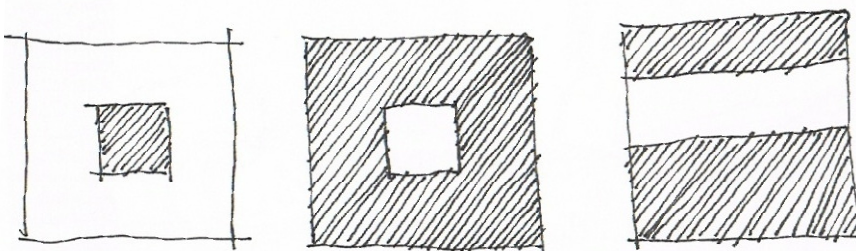
Para facilitar a aproximação ao objecto de estudo optou-se por agrupar as várias obras, em três “arquetipos” ou modelos, representados nos esquemas que se seguem.



109 A ideia de plano



110 A ideia de volume



Modelo I

Modelo II

Modelo III

Ao modelo I estão associadas as Casas Álvaro Trigo (M. de Vasconcellos) e Lino Gaspar Jr. (Ruy D' Athouguia). No modelo II integram-se as Casas Conceição Silva (Conceição Silva), Dr. Barata dos Santos (Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas) e a Casa em Loulé (Gomes da Costa). Por fim, correspondem ao modelo III as Casas Rangel Lima (M. de Vasconcellos), Ruy D'Athouguia (Ruy D' Athouguia) e a Casa Dr. Ribeiro da Silva

(Fernando Távora).

Com esta associação pretende-se clarificar esta exposição, uma vez que as características de cada obra acabariam por se repetir. Não se pretende descrever novamente os casos de modo particular, mas como já foi referido enunciar determinados temas gerais, o que não impossibilitará, sempre que for necessário o recurso a uma obra em particular, ou até a outros exemplos, no sentido de uma melhor explicação do tema.

É importante referir que em todos os casos de estudo existe uma procura de ligação com o exterior, chegando mesmo em alguns casos a acontecer um “fenómeno” de unidade: interior e exterior encontram-se fundidos, num único volume.

Os casos expostos, certamente pequena amostra de um número maior de obras que partilham o mesmo princípio, são o produto de uma intenção de unidade do desenho, por parte dos arquitectos, que procuram tratar o interior e o exterior com o mesmo propósito.

As obras englobadas no modelo I, são exemplos claros de intencionalidade de dissolução da fronteira entre interior e exterior. O arquitecto parte do princípio de uma massa, que vai sendo escavada, da qual surge a ligação entre interior e exterior.

Na casa Lino Gaspar Jr. entende-se este conceito, através dos buracos que rompem o volume e do avanço das lajes de cobertura e de pavimento ao nível da entrada.

É contudo na casa Álvaro Trigo que mais sobressai esta característica, devido ao intenso jogo geométrico que o arquitecto utiliza, para o diálogo entre os dois espaços. Aqui para além do avanço e recuo do espaço interno e externo, sentidos no plano horizontal, também no plano vertical se sente este jogo (o espaço exterior é lido como uma volumetria, a uma cota mais baixa, articulada com o interior).

Esta espécie de pele flexível, só é possível através de dispositivos de articulação, que serão diferentes, consoante os efeitos pretendidos.

Neste modelo surgem vários: desde a monotonia cromática conseguida através dos materiais; da modelação do exterior, consequência de um ardiloso jogo geométrico; das varandas e até



111 Casa Álvaro Trigo _ Planta piso 0
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964

de um claustro, no exemplo da casa Álvaro trigo. Na casa Lino Gaspar Jr., salienta-se a irreverência do sistema construtivo (avanço e recuo das lajes da cobertura e do chão); o pequeno pátio escavado; as varandas; o terraço, prolongamento do pavimento existente no interior da sala e, por fim, a inclusão de alguma da arborização pré-existente.

Neste modelo existe ainda uma característica importante, que não podia deixar de referir, por ter sido a base para a agrupamento dos arquétipos, que tem a ver com o aproveitamento e a configuração do espaço exterior. Estamos perante duas obras em que a percepção do espaço exterior é serial, que como afirma Gordon Cullen, *"O percurso de um extremo ao outro da planta a passo uniforme, revela uma sucessão de pontos de vista (...) A progressão uniforme do caminhante vai sendo pontuada por uma série de contrastes súbitos que têm um grande impacto visual e dão vida ao percurso..."*⁴⁸.

Volta-se a citar este autor, porque explica claramente, uma das principais características deste modelo: a dinâmica que o espaço exterior possui, no que diz respeito à sua percepção, ao ser percorrido, ao ser observado pelo interior.

Continuando o princípio de fusão entre interior e exterior e alguns dos dispositivos de articulação enunciados anteriormente, surgem as casas que integram o modelo II. Tratam-se contudo de modelos, formalmente e conceptualmente opostos, como demonstram os diagramas.

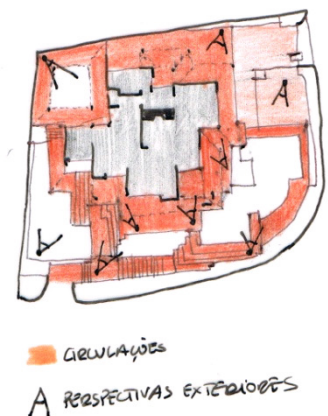
Nestas casas, o princípio ordenador do espaço é efectivamente o exterior, que se encontra delimitado pelo programa da casa, ou seja, enquanto no modelo anterior era possível uma observação sequencial de todos os espaços exteriores da casa, aqui essa observação é estática. Será no interior que o movimento descrito por Gordon Cullen se irá desenvolver, sempre direccionado para um ponto, o núcleo.

Os volumes e em alguns casos os planos, são os elementos delimitadores deste espaço exterior.

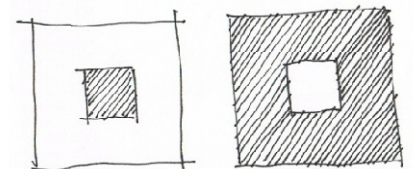
Estamos perante modelos que procuram fundamentalmente conceitos de intimidade, segurança e controlo,



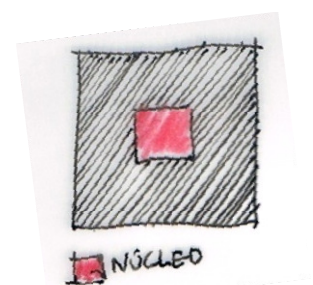
112 Casa Lino Gaspar Jr. _ vista
Arq. João Andresen, Caxias, 1964



113 Casa Álvaro Trigo _ Planta piso 0
Arq. Maurício de Vasconcellos, Restelo, 1964



Diagramas



114 Núcleo

48 CULLEN, Gordon, 1984, p.19

do espaço exterior à casa. A sua génese está na “casa pátio”, a mais antiga tipologia de Habitar no mundo. Relembro as palavras de Werner Blaser *“El hombre necesita un espacio de paz y de recogimiento que le proteja del espacio exterior, hostil y desconocido, pero que, sin embargo, participe del día y de la noche, del sol y de la luna, del calor, del frío y de la lluvia. Este espacio, que está sometido al paso de los días y las estaciones, es decir, a las reglas que determinan la existência, es el “pátio”*.

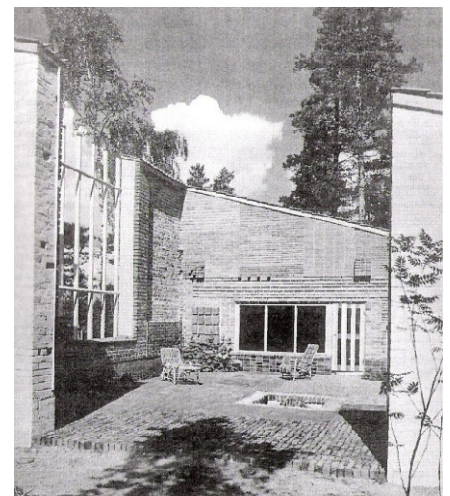
Dos casos de estudo apresentados, a casa Conceição Silva é a obra que melhor evidencia esta questão do exterior como espaço estruturador do projecto, para onde todos os espaços se voltam.

Existiu por parte do arquitecto, uma reinterpretação deste dispositivo de articulação, o pátio, uma vez que os volumes não encerram por completo este espaço. O volume da sala é interrompido, para que se aceda ao pátio, e um dos limites é um plano. Esta imagem faz lembrar a casa em Muuratsalo (1952), do arquitecto Alvar Aalto, da mesma tipologia, que utiliza de modo semelhante os planos e as aberturas, para garantir alguma privacidade, segurança e controlo perante a envolvente.

A casa em Loulé é um caso de estudo especial. Poderia ser o exemplo mais próximo da denominada “casa pátio tradicional”, se apenas fosse considerado o piso 1. Na realidade é neste piso que se desenvolvem todos os espaços essenciais ao Habitar, e o espaço exterior, o pátio, é o elemento estruturador do projecto. Este divide a moradia em dois volumes opostos, cada um deles com uma função específica (zona social vs zona privada), ligados por um corredor. Encontra-se aqui desenvolvida a experiência realizada pelo arquitecto Marcel Breuer, (1902-1981) na tipologia designada por Carles Marti de Bi-nuclear, figura 114 (nota 12).

O espaço exterior torna-se o ponto de convivência ao ar livre, encerrado relativamente ao exterior, só aberto zenitalmente. É um espaço de refúgio e de recolhimento.

O pátio, apresenta nesta obra uma singularidade, que faz com que a interacção entre os diferentes programas seja diferente. Existe uma diferença de cota entre a zona social e a



115 Casa Experimental _ vista
Arq. Alvar Aalto, Muuratsalo, 1952

Nota12: Revista DPA nº13, 1997, “La casa binuclear según Marcel Breuer. El Pátio Recobrado”, MARTI, Carles, p.48

“(…) principio binuclear enunciado por Breuer, rebajándolo a una mera cuestión organizativa que permite dividir el programa de la casa en dos partes (zona de día y zona de noche) que responden al distinto carácter de las estancias. Pero no es solo eso: es también un principio arquitectónico basado en la tensión espacial que provoca la escisión de la casa en dos núcleos conectados por un vestíbulo que actúa a modo de puente entre ambos y resuelve el sistema de acceso. El desglose del volumen en dos partes crea una brecha a través de la cual el espacio exterior penetra en la casa y la atraviesa virtualmente. Pero, al mismo tiempo, ese espacio intermedio que se genera entre ambos núcleos, al quedar parcialmente englobado por la construcción, está en disposición de convertirse en un pátio semiabierto.

zona privada que no interior da habitação se processa através de uma rampa. No exterior, esta diferença de cota, acontece igualmente, dividindo o pátio em dois espaços, ligados por uma escada: um espaço directamente ligado à zona social e outro ligado à zona privada da casa.

Existe ainda outra particularidade neste caso de estudo.

No nível 0, recorrendo aos novos métodos construtivos, o arquitecto eleva a edificação e deste modo constrói um espaço abrigado, transformado em zona de lazer.

Este piso não é totalmente coberto. Existe uma abertura na laje do piso superior, no limite esquerdo do lote, ao lado da escada que liga o nível 0 ao nível 1. Esta “fresta” permite a entrada de luz e ventilação para o piso 0. No volume onde se encontra a zona social, existe também um afastamento em relação à rua que permite o desenvolvimento de um jardim.

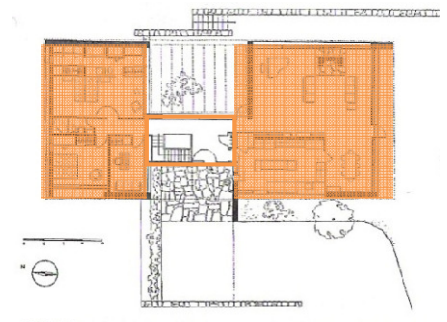
Estes dois exemplos utilizam o espaço exterior como elementos fundamentais na composição do objecto e introduzem soluções diversificadas que permitem de igual modo a ligação, o diálogo entre interior e exterior.

O último exemplo deste modelo é a Casa Barata dos Santos em Vila Viçosa. Utilizando o mesmo princípio de fusão dos espaços, os arquitectos criam um jogo dinâmico de interacção de espaços internos e externos pela composição da moradia a partir de dois pátios, que possuem funções diferentes.

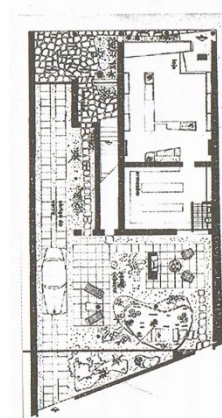
Este é um caso, em que se pretende a ligação dos espaços internos ao lote, sendo atribuído ao exterior um papel de protecção em relação ao espaço interno.

Estes pátios que se encontram limitados por volumes e por planos, possibilitam um jogo astucioso de encerramento em relação à rua e abertura do espaço interno do lote. Existe um constante avanço e recuo dos espaços, o que torna o espaço exterior, sob o ponto de vista perceptivo, sequencial e simultaneamente pontual, ao contrário dos dois casos anteriores, em que o espaço exterior é estático.

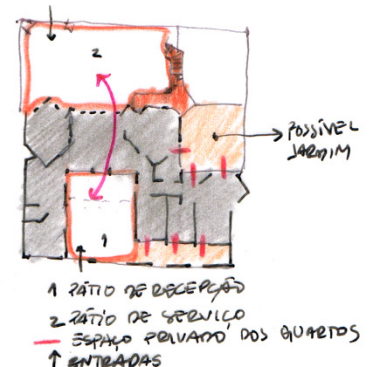
A análise revelou sobretudo uma obra pensada como um todo, não que os outros exemplos não o fossem, mas o jogo volumétrico e geométrico aqui explorado, tornam este caso um



116 Casa Clark _ planta
Arq. Marcel Breuer, Connecticut, 1949



117 Casa em Loulé _ esquema
Arq. Gomes da Costa, Loulé, 1953

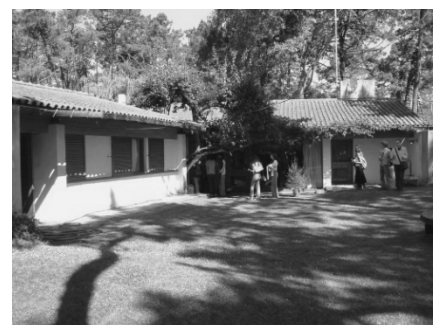


118 Casa Dr. Barata dos Santos _ esquema
Arq. N. T. Pereira e N. Portas, V. Viçosa, 1958

parente afastado da Casa Álvaro Trigo, pela mesma iniciativa de geometrização, como base da composição volumétrica. Descreve-se na análise o surpreendente jogo de volumes realizado, como se existisse uma massa que explode, da qual resultam “pequenos” fragmentos que se lançam em diferentes trajectórias. Esta explosão não resulta no entanto, numa fragmentação do espaço exterior privado do lote, pelo contrário, este é mais um caso especial, em que o espaço exterior e o espaço interior, são um todo.

As obras que constituem o modelo III são casos híbridos dos modelos I e II.

Começamos pela Casa Dr. Ribeiro da Silva em Ofir. Como já foi referido encontra-se implantada no centro do lote, em forma de L voltada para uma colina. Da sua forma resulta um espaço exterior côncavo, ao qual se pode denominar de “pátio”. Este dispositivo encontra-se limitado pelo volume da casa e pela colina, referida na análise, uma colina artificial, desenhada pelo arquitecto, para conferir a este espaço exterior, as características do modelo II: intimidade, segurança e controlo.



119 Casa Dr. Ribeiro da Silva _ vista
Arq. Fernando Távora, Ofir 1958

Desenhada com base no modelo tripartido (destacamento de três conjuntos diferentes de espaços: sociais, serviços e privados), esta obra liga-se ao exterior, ao pátio, sendo este o dispositivo para o qual os quartos e as zonas de estar se voltam, espaços que se agrupam em volumes diferentes e que simultaneamente dialogam entre si. Em forma de síntese os espaços internos vivem do exterior, assim como este vive dos espaços internos.

Não se pretende com isto afirmar que o pátio é o elemento estruturador do projecto. O que acontece é que os espaços que circundam a construção, não são aproveitados, ou seja o tipo de espaços exteriores que se desenvolvem nas obras agrupadas no modelo I, que se caracterizam pela existência de um “percurso” contínuo pelo terreno (espaços com diferentes perspectivas e tratamentos), aqui não se desenvolvem.

Neste sentido esta obra aproxima-se mais do modelo II, do que do modelo I. Não se tratando tipologicamente de uma “casa

pátio”, procuram-se as características desta tipologia, a sensação de refúgio, de recolhimento, de privacidade, e o espaço exterior, tal como se encontra desenhado, proporciona essas mesmas impressões.

Destaca-se o acesso que é proposto a Norte, onde é desenhado o hall de recepção e do lado oposto a este hall, a garagem. Nenhum deles contacta com a parte “íntima” da habitação.

Assiste-se ainda a um certo cuidado, no que diz respeito à pavimentação de alguns espaços exteriores, especialmente aqueles que dialogam com o pátio.

Quanto aos exemplos que se seguem, a Casa Rangel Lima e a Casa Ruy D' Athougia, são obras diferentes da obra anteriormente referida.

Ambas acusam uma postura de exposição total ao exterior, com a introdução de planos contínuos de vidro, ao nível do piso 0.

No piso superior, são desenhadas varandas, que se projectam horizontalmente sobre o volume inferior, resguardando-o do sol e formando uma zona abrigada, que se encontra ligada ao espaço interior. Na casa Ruy D' Athougia existe inclusivé um banco desenhado como elemento contínuo do interior para o exterior. Como se refere na análise, quem se encontra sentado do lado exterior só está separado do interior por um plano de vidro, ou seja, onde se localiza a zona de estar no interior, também no exterior é criada uma zona de estar, abrigada.

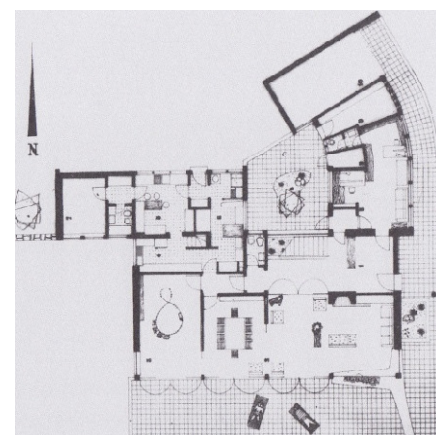
Apesar da sua implantação se remeter a uma posição central no lote, o que permite um percurso contínuo, os espaços exteriores não foram aproveitados, como se verificou nos casos apresentados no modelo I.

Existem apenas dois espaços que demonstram uma preocupação na vontade de fundir o exterior com o interior, para além do espaço localizado no espaço inferior às varandas. São eles o amplo jardim a sul, para onde se volta a sala, onde na planta do piso 0, aparecem representadas chaises longues e zonas arborizadas e o pátio que articula os três volumes directamente relacionado com o hall da entrada.

Na casa Rangel Lima, o desafogado jardim existente,



120 Casa Rangel Lima _ piso 0
Arq. Maurício de Vasconcellos, Lisboa, 1951



121 Casa Ruy d'Athougia _ planta piso 0
Arq. Ruy D' Athougia, Cascais, 1951-53

resultado como se viu de uma condicionante não prevista na conceptualização do projecto, não é aproveitado pelo arquitecto. A sua dimensão permitia por exemplo, a introdução de outros programas, possibilitando ao habitante um maior usufruto do espaço exterior.

A fusão com o espaço exterior é apenas perceptível, como já foi dito, no espaço de estar, exterior, resultante do balanço do piso superior e do contínuo plano envidraçado que permite a interacção deste espaço com a sala.

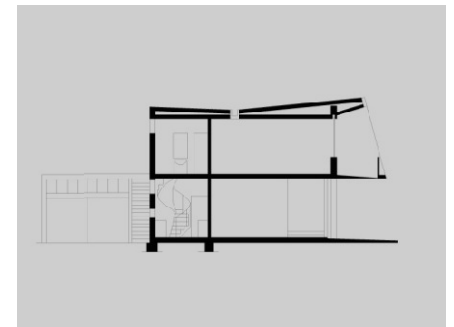
Em ambos os casos, não existe nenhum usufruto dos espaços exteriores “sobrantes”, no que concerne à ligação com o interior, a não ser ténidas relações pontuais, nem um maior investimento, dada a dimensão do terreno, na introdução de programa no exterior.

Classifico este modelo III de híbrido, porque apesar de os casos de estudo terem as qualidades do modelo I, acabam por se dirigir num sentido oposto, reconhecendo-se características do modelo II. São casos, onde existe um grande investimento num único espaço, numa bolsa, que se pretende encerrada, recolhida, íntima, como se apresentam os espaços exteriores do modelo II.

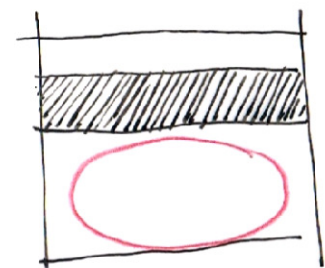
Ao longo desta reflexão têm sido referidos por várias vezes, determinados espaços, exteriores, aos quais são atribuídas funções. É o caso do jardim e da piscina, como espaços de lazer e de estadia; do claustro, como espaço de contemplação; do terraço, que serve de solário; os percursos e as articulações de cota, que se realizam por intermédio de escadas e rampas constituindo zonas de circulação, entre outros espaços.

Este é um tema interessante, a presença de programa no espaço exterior, que justifica algumas afirmações anteriores, por exemplo, quando se refere que na Casa Rangel Lima a dimensão do espaço exterior permitia por exemplo a introdução de outros programas, possibilitando ao habitante um maior usufruto do espaço exterior.

Apesar de não ter sido citado ao longo deste trabalho aproveita-se para apresentar um estudo, desenvolvido pelo arquitecto João Andresen para um concurso no Canadá (nota 13).



122 Casa Rangel Lima _ corte
Arq. Maurício de Vasconcellos, Lisboa, 1951



123 MODELO III

Sérgio Silva descreve deste modo a casa “Andresen apresenta uma pequena casa de três quartos onde a principal formalização de uma “ideia de futuro” está na concentração de todas as funções mecânicas num bloco no centro da habitação. Esse bloco, que contém a cozinha, o quarto de banho e alguns espaços de arrumação funciona também como uma peça de definição dos espaços da casa, demarcando a divisão entre a área da sala e a zona de acesso aos quartos”.⁴⁹

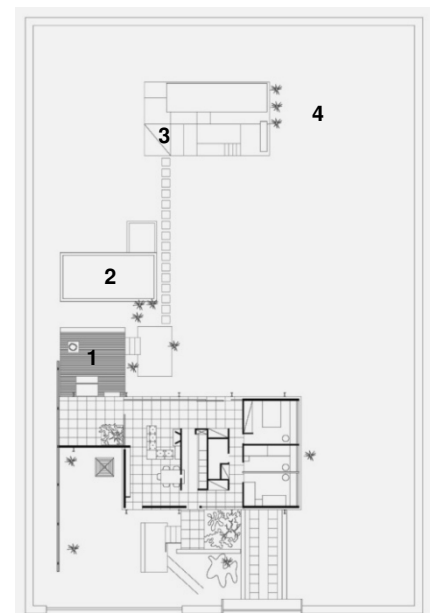
Refere ainda, que para além dos espaços de entrada e do pátio coberto, localiza-se a Sul, uma sucessão de espaços exteriores com programas diversos “ Do pátio da sala desce-se um terraço elevado com o que parece ser um pavimento de madeira (1), e a partir deste a descida faz-se para um percurso em placas quadradas de onde se acede à piscina (2) e um último espaço pavimentado (3) com um jardim (4), ao fundo do terreno rectangular da proposta”.

Esta obra é um exemplo de transformação de um espaço exterior vazio, num espaço dinâmico, de fruição do exterior através da introdução de programas, de usufruto da vida ao ar livre. Posto isto introduzo de novo uma parte da citação que introduziu o segundo capítulo “ *Hacer deporte, practicar la natación o tomar el sol eran casi sinónimos de arquitectura moderna. (...) Podemos decir que la casa moderna se há dotado de una habitación exterior*”.⁵⁰

Por último, é importante reforçar a ideia de que neste estudo, o espaço exterior que se está a analisar é o que se situa normalmente ao nível do piso térreo, porque é o espaço privado do lote, o que se encontra dentro dos seus limites. O espaço exterior que se encontra num nível superior, é um espaço “público” fora do limite do lote, porque se relaciona sobretudo com a paisagem. Este espaço, a um nível superior, daria para um outro estudo, um outro tema, ainda que por vezes tivesse sido difícil não o referenciar.

Nota 13: SILVA, Sérgio, 2006-2007, p.63
(Prova Final de Licenciatura “João Andresen: Uma Ideia de Arquitectura”

“O programa deste concurso pedia um plano de uma casa para uma família de cinco pessoas, um casal e três filhos menores de 15 anos, com dois requisitos: abrigo fechado para um carro e um limite de área de 167m². As características do terreno são também apresentadas genericamente, sendo “limitado por um parque arborizado, oferecendo uma vista agradável sobre o Sul e Leste. Uma via pública limita o lado Norte. O terreno, elevando-se gradualmente da via pública, apresenta um desnível total de cerca de 1,20m. O talhão dispõe de cerca de 30,5x45,7m, no qual o lado menor (ao Norte) tem a cota 0,30-0,86”.



124 Casa do Futuro _ implantação
Aro. João Andresen. Canadá. 1954

49 SILVA, Sérgio, 2006-2007, p.67
50 MONTEYS, Xavier, 2001, p.134

5.CONCLUSÃO

“A importância do exterior pode ser determinante na organização do interior da casa, transformando-se no seu centro conceptual e formal. Nesta situação, a casa passa a ser determinada por um exercício intenso, de abertura do espaço interior sobre o exterior envolvente. Nele serão tomadas as diversas e decisivas formas de valorização, da envolvente natural e construída, e o processo como a casa as vai articular.”⁵¹

No final desta dissertação conclui-se que o desenho do espaço exterior privado na arquitectura doméstica é fruto de uma forte intencionalidade de relação do exterior com o interior.

Como foi exposto, o movimento moderno, e os filhos deste movimento trouxeram à discussão a importância do espaço exterior como elemento integrante da lógica de composição da casa.

Os exemplos aqui expostos demonstram essa intencionalidade, uns de forma mais exacerbada, seguindo uma lógica de fusão de espaços, outros utilizando este espaço como elemento estruturador da composição e por fim, alguns casos, que demonstram ainda que timidamente e de modo controlado uma intenção de diálogo com o exterior.

Este estudo permitiu compreender as características destas casas que certamente se aplicam a um número maior de obras do período temporal em estudo, que infelizmente não puderam ser estudadas.

Constatou-se a diluição da fronteira entre interior e exterior, como se existisse uma pele flexível, que se movimenta do interior para o exterior ou do exterior para o interior, a fusão e a articulação dos espaços e o modo como se processava esse diálogo, nomeadamente através de vários dispositivos de articulação.

Refere-se por exemplo, ao modo de utilização dos materiais, à reinterpretação de antigos elementos agora usados como meios e conexão ao exterior (terraço, varandas, pérgolas,

51 RAMOS, Rui, 2010, p. 568

etc.), passando pelo conceito de composição da casa, e, salienta-se a geometria e a forma dos espaços e a utilização de novos métodos construtivos, como se verificou em alguns dos objectos de estudo. A utilização de programa no exterior como modo de cativar o habitante para a vida ao ar livre.

Existe um maior usufruto do espaço exterior, porque já não é tratado como um espaço “sobrante”, podendo ser utilizado para a prática de diversas actividades, transformando-se num espaço dinâmico.

Será esta a grande contribuição desta geração de arquitectos para o Habitar, que deixaram um legado importante para as gerações seguintes: a construção da “Habitação Exterior”.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

ÁBALOS, Iñaki. - *A boa vida: visita guiada às casas da modernidade* / Iñaki Ábalos ; trad. Alícia Duarte Penna. - Barcelona : Gustavo Gili, 2003.

ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel. - *Arquitectura Moderna*. In História da Arte em Portugal. Lisboa: Publicações Alfa, 1993

Arquitectura Popular em Portugal. 2ª ed. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses, 1980

Arquitectura e cidadania: atelier Nuno Teotónio Pereira / comiss. Ana Tostões, João Afonso. - Lisboa : Quimera, 2004. (catálogo de uma exposição)

BECKER, A.; TOSTÕES, A.; WANG, W. - *Portugal: Arquitectura do século XX* / org. Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang. München : Prestel, 1997. (Catálogo de uma exposição)

BLASER, Werner. - *Mies van der Rohe, Farnsworth house: weekend house=wochenendhaus*; trad. Katja Steiner, Bruce Almberg. Basel: Birkhäuser, 1999

Carlo Scarpa: architecture atlas / ed. by Guido Beltrami, Italo Zannier ; phot. by Gianantonio Battistella, Vaclac Sedy. - Venezia : Regione del Veneto, 2006

CORREIA, Graça. - *Ruy D'Athouguia: a modernidade em aberto*; pref. Eduardo Souto de Moura. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008

COSTA, Alexandre Alves. - *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. 2ª ed. revista e aumentada. Porto: Faup Publicações, 2007

Departamento de Intervenção Urbana da Sociedade de Lisboa. - *Anos 60: anos de ruptura: arquitectura portuguesa nos anos sessenta*. Lisboa : Livros Horizonte, 1994. (Catálogo de uma exposição)

FERNANDES, José Manuel. - *Arquitectura portuguesa: uma síntese*. Lisboa: INCM, 2000

FERNANDEZ, Sérgio. - *Percurso: arquitectura portuguesa: 1930-1974*; prefácio de Alexandre Alves Costa. 2ª ed. Porto: Faup Publicações, 1988

Fernando Távora. Editado por Luiz Trigueiros, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura e com Grafismos de Ana Maria Chora, Lisboa: Blau, [cop.1993]

FRAMPTON, Kenneth. - *Historia critica de la arquitectura moderna*; trad. Jorge Sainz. 11ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2002

Francisco da Conceição Silva, arquitecto : 1922-1982 / coord. João Pedro Conceição Silva, Francisco Manuel Conceição Silva. - [S.L.] : Sociedade Nacional de Belas Artes, 2007.

GOODWIN, Philip L. - *Brazil builds: architecture new and old: 1652-1942*; fotografias de G. E. Kidder Smith. 3ª ed. revista. New York: The Museum of Modern Art, 1944

JONES, Peter Blundell. *Hans Scharoun* / Peter Blundell Jones. - London: Phaidon, 1997

Le Corbusier: architect of the twentieth century / Text by Kenneth Frampton; phot. by Roberto Schezen. - New York: Harry N. Abrams, 2002

MONTANER, Josep Maria. - *Depois do movimento moderno : arquitetura da segunda metade do século XX* / Josep Maria Montaner ; trad. Maria Beatriz da Costa Mattos. - Barcelona : GG, cop. 2001

MONTEYS, Xavier. - *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa* / Xavier Monteys, Pere Fuertes. - Barcelona : GG, cop. 2001

ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos: Porto: 1947-1952 / compilado por Cassiano Barbosa; desenhos de João Abel; fotografia de Fernandes Amorim. Porto: Asa, 1972

PERNES, Fernando. - *Panorama: arte portuguesa no século XX* / coord. Fernando Pernes. 1ª ed. Porto: Campo das Letras, 1999

PINTO, Jorge Farelo. - *Percursos de carreira* / coord. Jorge Farelo Pinto; org. Conselho Directivo Regional do Sul da Associação dos Arquitectos Portugueses. Lisboa: A.A.P., 1996

RAMOS, Rui Jorge Garcia. - *A casa unifamiliar na arquitectura portuguesa: mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. Porto: FAUP, 2004. (Dissertação de Doutoramento - Arquitectura Portuguesa - Casa Unifamiliar Burguesa - Séc. 20) [policopiado]

RAMOS, Rui Jorge Garcia. - *A casa : arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português* -Porto : Faup publicações, 2010

RIBEIRO, Ana Isabel [et al]. - *Raul Chorão Ramalho, Arquitecto* / coord. Rogério Ribeiro. (lit. ed.) Almada: Casa da Cerca, 1997

RILEY, Terence. - *Mies in Berlin*. New York: The Museum of Modern Art, 2002

ROSA, Joseph. Louis khan; editor Peter Grossel. – Taschen, 2006

TÁVORA, Fernando. - *Da organização do espaço*; pref. Nuno Portas. 3ª ed. Porto: Faup Publicações, 1996

TÁVORA, Fernando. - *O problema da casa portuguesa*. Lisboa: Manuel João Leal, 1941. (Cadernos de Arquitectura1)

SILVA, Sérgio Dias da. - *João Andresen: uma ideia de arquitectura*; docente acompanhante Prof. Rui Ramos. Porto: Faup, 2007 [policopiado] (Prova final de Licenciatura em Arquitectura na Faup)

TOSTÕES, Ana [et al]. - *Arquitectura moderna portuguesa: 1920-1970* / coord. Ana Tostões. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2003

TOSTÕES, Ana. - *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. 2ª ed. Porto: Faup Publicações, 1997. (Baseado na dissertação de mestrado em História da Arte, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1995)

WESTON, Richard. *Alvar Aalto* / Richard Weston. - reimp. - London: Phaidon, 1996

ZEVI, Bruno. - *A linguagem moderna da arquitectura: guia ao código anticlássico*; trad. Margarida Periquito. Lisboa: Edições 70, 2002

ZEVI, Bruno. - *Frank Lloyd Wright*; trad. Mariuccia Galfetti, Fernando Pereira Cavadas. 2ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1985

ZEVI, Bruno. - *Saber ver a arquitectura*; trad. Maria Isabel Gaspar, Gaetan Martins de Oliveira. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996

ARTIGOS

GODINHO, Januário, *Frank Lloyd Wright*, *Arquitectura* nº67, Abril 1960, pp.3-15

LOBO, Vasco. *A obra do arquitecto Maurício de Vasconcellos*. *Arquitectura* nº75. Junho de 1962, pp. 3-37.

MARTI, Carlos. *Patio y Casa*. DPA 13. 1997, pp46-51.

MOREIRA, Júlio. *4 obras de Maurício de Vasconcelos: as palavras e as coisas em arquitectura*. *Arquitectura* nº109. 4ª série, Maio/Junho de 1969, pp.109-126.

PEREIRA, Nuno Teotónio. *Arquitectura dos anos 50 em Lisboa*. *Arquitectura* nº148. Janeiro/Fevereiro de 1983, pp.58-65

PORTAS, Nuno. *A responsabilidade de uma novíssima geração do movimento moderno em Portugal*. *Arquitectura* nº66. Novembro/Dezembro de 1959, pp.13,14

SANCHES, Formosinho. *Arquitectura moderna brasileira arquitectura moderna portuguesa*. *Arquitectura* nº29. Fevereiro/Março de 1949, pp.17

SANTANA, Frederico. *Casa em Caxias: arq. João Andresen, eng. J.M. Simões, cerâmica de Hein Semke*. *Arquitectura* nº 60. Outubro de 1957, pp. 35-37

TOSTÕES, Ana. *Casa de férias Modernas, Anos 50 e estilo contemporâneo: a utopia da vida*. *Jornal dos Arquitectos* nº196, pp.11-52

TOUSSAINT, Michel. *De Dentro Para Fora na Década de 50*, *Jornal Arquitectos* nº212, Setembro/Outubro 2003, pp.57

VASCONCELOS, Maurício de. *Conceição Silva: Não foi apenas o arquitecto*. *Arquitectura* nº145. 4ª série, Fevereiro de 1982, pp.76

Moradia Rangel de Lima. *Arquitectura Portuguesa Cerâmica e Edificação* nº3/4. Abril de 1953, pp.39-44

Percurso de Carreira. Jornal dos Arquitectos nº 112-113. Junho/Julho de 1962, pp.56-59

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Nota: As ilustrações que não se apresentam enumeradas foram da minha autoria.

(1) TOSTÕES, Ana [et al] - *Arquitectura moderna portuguesa : 1920-1970* / coord. Ana Tostões. - Lisboa : Instituto Português do Património Arquitectónico, 2003

(2) *ODAM : Organização dos Arquitectos Modernos : Porto : 1947-1952* / compilado por Cassiano Barbosa ; desenhos de João Abel ; fotografia de Fernandes Amorim. Porto: Asa, 1972

(3) GOODWIN, Philip L. - *Brazil builds: architecture new and old : 1652-1942* ; phot. by G. E. Kidder Smith. 3rd. ed. rev. New York : The Museum of Modern Art

(4) Ilustração por Carlos da Silva Lima, 2010

(6,7,115,116) Revista DPA nº 13, 1997

(8,91,94,97,100,117) RAMOS, Rui Jorge Garcia. - *A casa : arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português* - Porto : Faup publicações, 2010

(10) JONES, Peter Blundell. *Hans Scharoun* / Peter Blundell Jones. - London: Phaidon, 1997

(11) PINTO, Ana Lúcia Pinto [et al]. – *Cadernos de História da Arte*; Porto: Porto Editora, 2000

(12, 13) MONTEYS, Xavier. *Le Corbusier : obras y proyectos=obras e projectos* / Xavier Monteys ; trad. Luiz M. G. Ribeiro, Maria Luiza Tristão de Araújo. - Barcelona : Gustavo Gili, 2005

(14, 15) ZEVI, Bruno. - *Frank Lloyd Wright*; trad. Mariuccia Galfetti, Fernando Pereira Cavadas. 2ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1985

(16) PINTO, Jorge Farelo - *Percursos de carreira* / coord. Jorge Farelo Pinto; org. Conselho Directivo

(21,82,83) Espólio do arquitecto Maurício de Vasconcellos

(25,26,27,28,111) MOREIRA, Júlio. *4 obras de Maurício de Vasconcelos : as palavras e as coisas em arquitectura*. Arquitectura nº109. 4ª série, Maio/Junho de 1969

(32) SANTANA, Frederico. *Casa em Caxias: arq. João Andresen, eng. J.M. Simões, cerâmica de Hein Semke*. Arquitectura nº 60. Outubro de 1957

(42,45,46,49,51,52) *Francisco da Conceição Silva, arquitecto : 1922-1982* / coord. João Pedro Conceição Silva, Francisco Manuel Conceição Silva. - [S.L.] : Sociedade Nacional de Belas Artes, 2007.

(53,55,57,59) *Fernando Távora*. Editado por Luiz Trigueiros, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura e com Grafismos de Ana Maria Chora. Lisboa : Blau, [cop.1993]

(56,58) Joana Dias de Magalhães

(64,65,67,69,70,71,76,78) *Arquitectura e cidadania : atelier Nuno Teotónio Pereira* / comiss. Ana Tostões, João Afonso. - Lisboa : Quimera, 2004. (catálogo de uma exposição)

(84,85,87,120) *Moradia Rangel de Lima*. Arquitectura Portuguesa Cerâmica e Edificação nº3/4. Abril de 1953, pp.39-44

(90,91,93,94,121) *Ruy D'Athouguia : a modernidade em aberto* / Graça Correia ; pref. Eduardo Souto de Moura. - Casal de Cambra : Caleidoscópio, 2008

(103) *Le Corbusier: architect of the twentieth century* / Text by Kenneth Frampton; phot. by Roberto Schezen. - New York: Harry N. Abrams, 2002

(105) WESTON, Richard. Alvar Aalto / Richard Weston. – reimp. – London: Phaidon, 1996

(106,107) ROSA, Joseph. Louis Khan; editor Peter Grossel. – Taschen, 2006

(108) *Carlo Scarpa : architecture atlas* / ed. by Guido Beltramini, Italo Zannier ; phot. by Gianantonio Battistella, Vaclav Sedy. - Venezia : Regione del Veneto, 2006

(124) SILVA, Sérgio Dias da. - *João Andresen: uma ideia de arquitectura*; docente acompanhante Prof. Rui Ramos. Porto: Faup, 2007 [policopiado] (Prova final de Licenciatura em Arquitectura na Faup)

INTERNET:

(5)<http://arquivodeviagens.files.wordpress.com/2007/09/matera1.jpg?w=500> (retirado deste endereço electrónico a 18-09-2010)

(9)<http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/07/02/2009/o-que-e-bow-window/> (retirado deste endereço electrónico a 18-09-2010)

(79)<http://ima.dada.net/image/3222258.jpg>
(retirado deste endereço electrónico a 20-09-2010)

(88)<http://sig.cm-cascais.pt/sig/html/index1280.asp>
(retirado deste endereço electrónico a 10-09-2010)

(104)<http://www.urbandesign.it/immagini/Mies.jpg>